

## AVICENA

*Livro sobre a alma V*<sup>1</sup>

Trad. Meline C. Sousa

**Seção V.1**

Sobre as propriedades das ações e paixões do homem e uma elucidação sobre as faculdades teórica e prática da alma humana

[202.2-12] Tendo nos ocupado com o discurso sobre as faculdades animais, também convém falarmos agora das faculdades humanas. Dizemos que os homens possuem ações próprias que se originam na sua alma e que não existem no restante dos animais. A primeira delas é que | o homem, na existência que lhe é designada, não pode renunciar, para sua sobrevivência, da sociedade, pois não é como o restante dos animais, os quais cada um é restrito à regulação do próprio modo de vida por si mesmo e conforme [as coisas] existentes na sua natureza. O primeiro homem, se não existisse ninguém além dele e das coisas existentes na natureza, pereceria ou seu modo de vida seria ruim, o pior. | Isto [deve-se] à sua excelência e à incompletude do restante dos animais, o que será conhecido em outro lugar.

[202.12-19] Porém, os homens têm necessidade de coisas maiores do que aquelas que estão na natureza como, por exemplo, do alimento e da roupa produzidos, pois os alimentos existentes na natureza que não foram preparados pelas artes não são apropriados e benéficos para o seu modo de vida. No caso das coisas que existem na natureza que podem ser vestidas | também é possível que sejam manipuladas em uma configuração e modelagem a fim de que ele as possa vestir. No caso dos outros animais, a vestimenta está com cada um deles por natureza. Por isto, a primeira coisa da qual necessita o homem é o cultivo e, igualmente, também necessita das outras artes.

[203.1-4] Não é possível que o homem sozinho, por si, dedique-se a tudo que lhe

---

<sup>1</sup> Tradução do livro V do *K. al-nafs* de Avicena a partir da edição de F. Rahman. O texto foi confrontado com as traduções de J. Bakosh e Attie Filho. Utilizou-se a numeração entre colchetes para indicar a página e as linhas correspondentes à edição utilizada, o símbolo || para indicar a quebra de página e | para indicar a quebra de linha a cada cinco linhas.

é necessário, o que não ocorre em sociedade, na medida em que este [homem] prepara o pão para aquele [homem] e aquele tece para este e este transporta algumas coisas de outras regiões para aquele e aquele fornece para este, em troca, algo da sua região.

[203.5-17] Por estas causas e outras desconhecidas e mais numerosas que os homens necessitam ter, na sua natureza, uma aptidão com a qual ensinam o que existe nele, por um sinal convencional, ao outro que é seu companheiro. Aquilo que está naturalmente disposto para isto é o som porque ele se divide em letras e delas são compostas muitas frases sem que um esforço sobrecarregue o corpo. Mas [mesmo] sendo [o som] algo que não é estável nem que perdura, acredita-se no conhecido por meio dele sem haver necessidade de percepção [do conhecido]. Depois do som, vem o sinal, sendo este como aquele, exceto que o som é mais instrutivo que o sinal, pois [o sinal] não instrui sem que a visão recaia sobre ele, e a visão vem de uma direção particular. É necessário que ao buscar a fonte do seu ensinamento, mova sua pupila na direção particular por meio de muitos movimentos pelos quais o sinal é observado. [Quanto ao som], ele prescinde de recorrer a uma direção particular e também prescinde de ser observado por meio de um movimento e, por isto, ele não precisa de intermediários para ser percebido. Do mesmo modo, a cor não necessita [do intermediário], não como ele é necessário para os sinais.

[203.17-204.12] Então, a natureza concedeu à alma que compusesse pela fala algo por meio do qual se realiza o ensino de outro [homem]. Os outros animais também possuem sons pelos quais se informam, por eles mesmos, sobre as circunstâncias, || mas aqueles sons acontecem por natureza e, em geral, sobre o que é bom a partir do consenso ou o que é repugnante sem ser desejado ou diferenciado. No caso dos homens, o conhecimento se dá a partir de regras convencionais, porque os interesses humanos são quase infinitos, não poderia ser caracterizado por sons sem fim. Então, o que é próprio do homem é esta necessidade que motiva | o ensinamento e o aprendizado, o que o motiva a tomar e doar em uma quantidade justa e outras necessidades. Além disso, ele faz uso das assembléias e cria as artes. E também pertencem aos outros animais e, particularmente às aves, as artes com que fabricam as casas e habitações; o que [também] é próprio das abelhas. Contudo, isto não está entre aquilo que procede de uma invenção e silogismo, mas sim do instinto e disposição natural; o que não difere ou se diferencia entre as espécies. A maior parte das espécies vive pela | utilidade das suas

aptidões e pelas necessidades da espécie, não pelas necessidades individuais que pertencem aos homens e muitas são em vista da necessidade singular e momentânea.

[204.12-14] Dentre as propriedades humanas, segue-se a percepção das coisas engraçadas, uma paixão chamada deleite do qual se segue o riso; e à percepção das coisas prejudiciais segue-se uma | paixão chamada irritação e decorre-se dela o choro. É próprio [dos homens], na sociedade, que as coisas que são benéficas, as quais naturalmente são realizadas, os desviem das ações que não devem ser realizadas, pois aprendeu aquilo quando era novo e cresceu com isto, tendo sido acostumado desde a sua infância a escutar que aquelas ações não devem ser feitas, de modo que estas crenças pertencentes a ele são como naturais.

[204.14-205.16] Outras ações são diferentes destas e as primeiras são nomeadas vis e as outras boas, mas isto não acontece para o restante dos animais. Se o restante dos animais renuncia à ação que a eles || cabe realizar, por exemplo, que o leão ensinado não deve comer o seu dono e seus filhotes, não se dá por causa de uma crença na alma ou uma opinião, mas devido à outra [aptidão] anímica. Ela consiste no fato de que todo animal prefere, por natureza, uma existência que o agrada e a sua manutenção. O indivíduo que o abastece e o alimenta torna-se agradável para ele porque tudo que é benéfico é agradável, por natureza, | para o beneficiado. Assim, o que o impede de matá-lo não é uma crença, mas uma aptidão e um outro acidente na alma. Às vezes, este acidente acontece na disposição natural a partir da inspiração divina, como o amor que todo animal possui pelo seu filhote sem crença alguma. Porém, é devido ao tipo de imaginação que alguns homens tomam algo como benéfico ou agradável e [têm] aversão a isto se na forma da coisa está o que o faz ter aversão a ela. Nos homens, às vezes, seu conhecimento é seguido por outro conhecimento, como quando ele | faz algo acerca do qual se concorda que não deve ser realizado, produzindo uma paixão anímica chamada vergonha. Isto também é próprio dos homens e, às vezes, acontece a eles uma paixão anímica por causa da sua opinião de que um fato no futuro o prejudicará. O nome disto é medo. Isto é reconhecido nos outros animais levando em consideração o presente, na maior parte dos casos, ou próximo do presente. | Na presença do medo, os homens possuem esperança, o que não possuem os outros animais exceto próximo do presente e sem distar o agora deste tempo.

[205.16-206.10] A ação que realizam não acontece porque eles conhecem pelo

tempo ou no tempo, mas porque isto || também está dentre os instintos. O que faz a formiga com respeito ao transporte da comida para o seu abrigo, alertando contra a chuva deve-se ao fato de que ela imagina que isto acontecerá naquele instante, como o animal que foge do inimigo quando imagina que ele possa se mover até ele naquele instante específico. Acrescenta-se a esta espécie [a ação] | própria dos homens de deliberar sobre os assuntos futuros, se ele deve agir ou não. Então, em um determinado momento ele faz o que a sua deliberação determina e que, em outro momento, ele não faria; ou, neste momento, ele delibera e não faz o que sua deliberação julgou que deveria fazer naquele outro momento. Os demais animais possuem dentre os dispositivos para o futuro | um único tipo, por natureza, sobre o que é benéfico ou não beneficia.

[206.11-207.4] O que é mais próprio do homem é a conceitualização das intenções universais intelectuais abstraídas da matéria por uma abstração completa, sobre o que já falamos e esclarecemos. A chegada ao conhecimento das coisas desconhecidas acontece por assentimento e conceitualização a partir das [coisas] inteligíveis conhecidas. Assim, estas ações ou modos mencionados são encontrados nos homens. A maior parte delas é própria | dos homens e parte delas são corpóreas, embora existam no corpo deles por causa da alma que os homens possuem, a qual não existe em nenhum outro animal. Antes, dizemos que os homens agem conforme uma disposição para coisas particulares e agem conforme uma disposição relativa às coisas universais. [Quanto às] coisas universais, há apenas crença, mesmo se tratando de uma ação. Pois quem crê por uma crença universal de como se poderia construir uma casa, não [vê] surgir primeiramente desta crença a construção de uma casa particular. Assim, || as ações dizem respeito às coisas particulares e procedem das opiniões particulares; e isto porque o universal enquanto universal não é caracterizado por este [particular] excluindo aquele [outro]. Posterguemos esta explicação confiando no que é apresentado a você na arte da sabedoria na última das partes [deste livro].

[207.5-10] Pertence aos homens uma faculdade dedicada às opiniões universais e outra faculdade dedicada à deliberação sobre as coisas particulares quanto ao que deve ser feito ou evitado, entre o que beneficia e o que é prejudicial e entre o que é belo e repugnante, bom e mal. Isto acontece por um tipo de silogismo e consideração verdadeiros ou corretos cujo objetivo é que obtenhamos uma opinião acerca de uma

coisa particular futura dentre as coisas possíveis, porque [sobre] as coisas necessárias ou impossíveis não se delibera já que elas existem ou não existem e, quanto ao que passou também não se delibera na medida em que seu acontecimento já | ocorreu.

[207.10-19] Então, quando esta faculdade julga, segue-se ao julgamento dela um movimento da faculdade impulsiva para mover o corpo, do mesmo modo que, nos animais, [o movimento] decorre dos julgamentos das outras faculdades. Esta faculdade é auxiliada pela faculdade a qual pertencem os universais, de onde ela toma as premissas maiores com as quais delibera e conclui sobre os particulares. Portanto, a primeira faculdade que pertence à alma humana é uma faculdade relacionada à reflexão e, por isto, é chamada intelecto teórico. A | segunda faculdade relaciona-se à ação e é chamada intelecto prático. Àquela cabe a verdade e a falsidade; a esta cabe o bom e o mau quanto às [coisas] particulares. Àquela cabe o necessário, o possível e o impossível; a esta o repugnante, o belo e o lícito. Os princípios daquela advêm das premissas primeiras e os princípios desta [advêm] das [premissas] geralmente aceitas, recebidas, supostas e empíricas; a fragilidade das [premissas supostas] é diferente da solidez das [premissas] empíricas.

[207.20-208.3] Para cada uma destas duas faculdades há uma opinião e uma suposição. || A opinião é a crença firme por si e a suposição é a crença para a qual se inclina com a aquisição do segundo extremo. Porém, nem todos que possuem uma opinião chegam a uma crença como nem todos que sentem chegam a uma intelecção, ou os que imaginam chegam a uma suposição, crença ou opinião.

[208.3-8] Nos homens há um juiz sensorial, um juiz no âmbito da imaginação [que se baseia na] estimativa, um juiz teórico e um juiz | prático. Os princípios que incitam a faculdade impulsiva a mover os membros são a estimativa [que se baseia na] imaginativa, o intelecto prático, a concupiscível e a irascível. Os outros animais possuem três destes [princípios]<sup>2</sup>.

[208.8-15] O intelecto prático necessita para todas as suas ações do corpo e das faculdades corpóreas, enquanto o intelecto teórico pode necessitar do corpo e das suas faculdades, | mas nem sempre nem sobre todos os aspectos, visto ser capaz de agir por si mesmo. Nenhum dos dois [intelectos] é a alma humana; antes, a alma é uma coisa que possui estas faculdades e é uma substância independente, conforme foi esclarecido,

---

<sup>2</sup> Isto é, estimativa que se baseia na imaginativa, concupiscível e irascível.

que possui uma disposição às ações. Algumas [ações] não se completam senão por meio dos órgãos e, como regra, pela proximidade deles | de um modo geral; outras têm alguma necessidade dos órgãos e outras definitivamente não necessitam deles. Tudo isto será explicitado depois.

[208.15-209.5] A substância da alma humana está disposta para obter um tipo de perfeição por si mesma, pois o que é superior nela não necessita do que é inferior. Esta disposição que pertence a ela deve-se a uma coisa chamada intelecto teórico. A substância da alma humana tem uma disposição para se proteger dos males que a atingem advindos da associação [com o corpo], como explicitaremos em seu lugar, e a agir de modo que seja conveniente durante a associação [com o corpo] ||. Esta disposição que pertence a ela existe por uma faculdade chamada intelecto prático a qual preside as faculdades que ela possui tendo em vista o corpo. O que está abaixo desta [disposição] são as faculdades derivadas [do intelecto prático] devido à disposição [própria] do corpo para receber [as faculdades] e beneficiar-se [do intelecto prático]. As disposições morais pertencem à alma devido a esta faculdade, como já abordamos anteriormente.

[209.5-18] Para cada | uma destas duas faculdades há uma disposição e uma perfeição. A disposição de cada uma delas se chama intelecto material, igualmente considerado teórico ou prático. Então, depois disso ocorre que cada um dos dois obtém os princípios pelos quais tornam perfeitas as suas ações. Ao intelecto teórico, pertencem as premissas primeiras e o que está de acordo com elas. Ao [intelecto] prático pertencem, as premissas consensualmente aceitas e outros tipos. | Neste momento, cada um dos dois [intelectos] é intelecto em hábito, e, então, cada um deles obtém a perfeição apropriada; mas já comentamos sobre isto antes. É necessário, antes de qualquer coisa, que expliquemos que esta alma apta para a aquisição dos inteligíveis por meio do intelecto material não é um corpo nem subsiste como forma no corpo.

## Seção V.2

Sobre a constatação de que a estrutura da alma racional não está impressa na matéria corpórea

[209.17-210.4] Não se duvida de que existe no homem uma coisa, uma substância que obtém os inteligíveis por recepção. Dizemos que a substância que é o receptáculo dos inteligíveis || não é um corpo nem está estruturada em um corpo, ainda que, de certo modo, ela seja uma faculdade nele e uma forma pertencente a ele. Se o receptáculo dos inteligíveis fosse um corpo ou uma dimensão dentre as dimensões, ou a forma inteligível se localizaria nele [como] uma coisa única indivisível, ou se localizaria nele [como] uma coisa divisível.

[210.4-14] A coisa que não se divide e que pertence ao corpo é uma extremidade pontual não localizada. Examinemos primeiro: seria possível que o receptáculo [dos inteligíveis] fosse uma extremidade indivisa? Dizemos que isto é um equívoco porque o ponto é um limite que não se separa da [extremidade] da linha na localização ou na dimensão que lhe é própria como se [o ponto] separadamente pertencesse a ela. O ponto é uma coisa que reside nela, uma coisa que não está na coisa | com respeito a esta dimensão. Porém, como o ponto não está, em sua essência, sozinho, ele é uma extremidade essencial própria do que é, em essência, uma dimensão. Igualmente, pode-se dizer de certo modo que [o ponto] se localiza [na linha] como uma extremidade da coisa localizada na dimensão que é a sua extremidade. Então, a [extremidade] é avaliada [como estando] nesta dimensão por acidente; do mesmo modo que se avalia [a extremidade como estando naquela dimensão] por acidente, [avalia-se] isto que é limitado por acidente pelo ponto.

[210.15-211.13] Assim, há um limite por acidente e um limite por essência | como uma extensão por acidente e uma extensão por essência. Se o ponto estivesse isolado, unindo duas coisas, ele estaria separado delas por essência. Assim o ponto, em si, teria dois lados: um lado a partir do qual se uniria à linha da qual está separado e, de modo contrário, um lado a partir do qual estaria isolado da linha. Neste [último] caso, [o ponto] estaria separado da linha em sua estrutura. E a linha separada [do ponto] possuiria um limite não localizado [na linha] distinto [do limite do ponto] unido a ela.

Aquele [limite do] ponto é o limite da reta, não este. Contudo, o discurso sobre [aquele limite do ponto] e sobre este [limite] é o mesmo.

[211.1-15] Que os pontos estejam duplicados na linha finita ou infinita, evidenciou-se para nós, em outros lugares, o seu absurdo. Ficou evidente que os pontos não compõem, por sua duplicação, um corpo, e se evidenciou também que os pontos não se separam [da linha a partir de] um lugar particular; e não importa se sinalizamos uma extremidade com [o ponto]. | Então, dizemos, com respeito aos dois pontos consecutivos ao mesmo ponto pelos seus lados, que ou o ponto intermediário os separaria e eles não se tocariam; decorre que, neste caso, o ponto intermediário isola os [dois pontos] e seria necessário, neste caso, que o meio se divida conforme os fundamentos que conheces e isto é incorreto; ou o intermediário não separa os dois lados do contato, e, neste caso, a forma inteligível está localizada em todos os pontos e todos os pontos são como | um único [ponto], mas estabelecemos que este único ponto está separado da linha. Assim, pertence à linha enquanto separada [do ponto] uma extremidade que não é [o ponto] pela qual está separada dele. Aquele ponto estaria separado deste no lugar. Porém, estabeleceu-se que todos os pontos compartilham o lugar. Logo, [que pertence à linha uma extremidade separada do ponto] é falso.

[211.14-16] Assim, é falso que o receptáculo dos inteligíveis seja algo divisível | pertencente ao corpo. Resta que, o seu substrato no corpo, se é que ele está no corpo, seja algo indivisível.

[211.16-212.10] Suponhamos uma forma inteligível em algo divisível. Se supusermos partes na coisa divisível, é próprio da forma se dividir. Neste caso, é indispensável que as duas partes sejam semelhantes ou diferentes. Se ambas são semelhantes, como a união delas não é [idêntica] a nenhuma delas, || visto que o todo enquanto todo não é parte, a menos que este todo seja algo que resulte das suas [partes] do ponto de vista do acréscimo na dimensão ou do acréscimo na quantidade, mas não do ponto de vista da forma. Neste caso, a forma inteligível seria certa figura ou certa quantidade, mas nenhuma forma inteligível possui uma figura ou uma quantidade, | pois se tornaria a forma imaginada, não inteligível. Você sabe que não é possível dizer que cada uma das duas partes é a mesma coisa que o todo. Como a segunda pertenceria à intenção do todo e [ao mesmo tempo] estaria fora da intenção da outra parte? Então, é claro e evidente que uma das duas [partes] sozinha não é por si mesma indicadora da

intenção da completude. E se [as duas partes] são diferentes, devemos observar como é possível isto e como | é possível que a forma inteligível possua partes diferentes.

[212.10-213.6] Não é possível que [a forma inteligível possua] partes diferentes exceto as partes da definição, as quais são os gêneros e as diferenças. Disto decorrem absurdos, dentre eles que cada parte do corpo recebe, em potência, uma divisão infinita. Assim, é necessário que os gêneros e as diferenças sejam infinitos em potência, mas isto é absurdo. É verdade | que os gêneros e as diferenças essenciais pertencem a uma única coisa que não é, em potência, infinita. Por isto, não é possível verificar a divisão separando os gêneros e a diferenças [infinitamente], mas não se duvida que, se há lá um gênero e uma diferença, verificados separadamente no substrato [dos inteligíveis], esta separação não compete à verificação da divisão [infinita]. Assim, seria necessário que os gêneros e as diferenças também fossem infinitos em ato, || mas é verdade que os gêneros e as diferenças são partes da definição que pertence a uma única coisa que é finita em todos os aspectos. Se os gêneros e as diferenças fossem infinitos em ato, não seria possível distinguir no corpo a reunião [deles] nesta forma. [Para] isto, seria necessário que o corpo uno se separasse em partes infinitas | em ato e também que a divisão se desse separando por um lado o gênero e por outro a diferença.

[213.6-15] Se alterássemos a divisão, seria indispensável que se desse, em cada um [dos dois lados], metade do gênero e metade da diferença; ou seria necessário transportar o gênero e a diferença para uma das duas divisões. Assim, o gênero e a diferença se voltariam totalmente para uma [parte] da divisão. A nossa pressuposição estimativa ou nossa divisão pressuposta posiciona em um lugar o gênero e a diferença [como se] cada uma das duas partes se inclinasse para um lado de acordo com uma vontade desejada de fora, mas isto também não é suficiente, pois é possível que coloquemos uma parte na [outra] parte. E também não há nenhum inteligível que possa ser dividido em inteligíveis mais simples que ele, embora aí exista um inteligível que é o mais simples dos inteligíveis e que é um princípio para a composição dos outros inteligíveis; eles não possuem gêneros e diferenças, não são | divididos em quantidade e não são divididos na intenção.

[213.15-214.6] Assim, se não é possível que as partes pressupostas sejam semelhantes, cada uma delas está na intenção do todo e o todo se realizaria pelas combinações e por nada mais. Também não é possível que sejam diferentes. Então, não

é possível que a forma inteligível se divida. || Não é possível que a forma inteligível se divida nem que se localize em uma extremidade da dimensão que é indivisível. Contudo, é inevitável que ela esteja no receptáculo que há em nós e é inevitável que julguemos que o substrato dos inteligíveis é uma substância que não é corpo e tampouco é recebida por nós por uma faculdade em um corpo. Ela se uniria a algo que se une ao corpo com respeito às divisões, seguindo-se disso outros | inconvenientes. Contudo, as formas inteligíveis são [recebidas] por nós por uma substância incorpórea. Cabe a nós demonstrarmos isto de outro modo.

[214.6-16] Dizemos que a faculdade intelectual é esta que abstrai os inteligíveis da quantidade determinada, da posição, do substrato e do restante que foi dito antes. É necessário que investiguemos em si esta forma abstraída do substrato, como é abstraída dele em referência à coisa a partir da qual foi apreendida | e em referência à coisa que apreende. Interessa-me se a existência desta verdade inteligível abstraída da posição está na existência exterior ou conceitualizada na existência da substância que entende. É absurdo dizermos que ela é como isto que está na existência exterior. Resta dizermos que ela está separada do substrato e da posição na existência [que possui] no intelecto e quando ela se encontra no intelecto não | ocorre a ela uma designação que permite uma divisão ou algo que seja semelhante a esta intenção. Assim, não é possível que ela esteja em um corpo.

[214.16-215.14] Ademais, quando a forma singular indivisível, a qual pertence às coisas indivisíveis na intenção, é impressa em uma matéria essencialmente divisível em partes, ou nenhuma das suas partes determinadas || na [matéria] de acordo com seus lados tem relação com a coisa inteligível una em si, indivisível [e] abstraída da matéria; ou cada uma das suas partes são determinadas ou algumas são e outras não. Se nenhuma [tem relação], então o todo também não tem, pois o que é composto | de discretos é discreto. E se pertence a algumas à exclusão de outras, aquelas que não estão em relação com ele não pertencem à intenção na coisa. Se fosse próprio de cada parte pressuposta uma relação, ou cada parte pressuposta nela teria uma relação com a essência assim como ela é ou [teria uma relação] com uma parte da essência. Se pertencesse a cada parte pressuposta uma relação com a essência assim como ela é, então, não são partes [no sentido de] partes da intenção inteligível, mas cada uma [das partes] é um inteligível por si mesmo independente. | Se pertencesse a cada parte uma relação outra que a

relação da outra parte com a essência, então é sabido que a essência seria divisível no inteligível, mas foi estabelecido que [essência] não é divisível e isto é contraditório. Se houvesse uma relação de cada uma [das partes] com uma coisa da essência que não [se diferenciasse quanto] a relação e, assim, a divisão da essência seria mais evidente.

[215.14-216.6] A partir disto fica claro que a forma impressa na matéria corpórea não é outra coisa que uma imagem das coisas particulares divisíveis e pertence a cada parte delas uma relação em ato e em potência com suas partes. Ainda, à coisa múltipla com respeito às partes da definição, pelo aspecto da completude, pertence uma unidade indivisível. Então, como devemos compreender que esta existência unitária enquanto una || está impressa no divisível? O discurso sobre isto e sobre o que não se divide na definição é único. E também já tomamos como certo que os inteligíveis presumidos, submetidos à condição da faculdade racional de serem inteligidos em ato um a um são infinitos em potência. E tomamos como verdade que a coisa que está em potência, dentre as coisas infinitas em potência, | não pode ser um corpo nem uma faculdade em um corpo. Isto foi demonstrado nas disciplinas anteriores.

[216.6-14] Não é possível que a essência conceitualizada pertença aos inteligíveis existentes em um corpo, nem [é possível] que o ato [de receber os inteligíveis] esteja localizado em um corpo, nem [se realize] por meio do corpo; e é um erro dizer o mesmo das [formas] imaginadas, pois, em nenhum momento, pertence à faculdade animal imaginar uma coisa qualquer em conformidade com o que é sem limite | se não se vincular a ela a disposição da faculdade racional. E não se deve dizer que esta faculdade, isto é, a intelectual, é receptiva e não é ativa. Enquanto vocês constatarem a infinitude da faculdade ativa, os [outros] homens não se queixam da possibilidade de existência da faculdade receptiva infinita, tal como é próprio da matéria. Assim, saber-se-á que a recepção da alma racional de muitas coisas sem limites é uma recepção após uma disposição ativa.

[216.15-217.4] Conforme o que explicamos por meio do discurso e [conforme] a análise da substância da alma racional, da sua ação mais própria e da indicação das circunstâncias das suas outras ações, de acordo com o que mencionamos, dizemos que, se a faculdade intelectual inteligisse por meio do órgão corpóreo de modo que sua ação própria se realizasse pelo emprego deste órgão corpóreo, || seria necessário que [a faculdade intelectual] não inteligisse a sua essência, não inteligisse o órgão e não

inteligisse que ela inteligiu. Então, não há um órgão que esteja entre ela e sua essência, nem entre ela e seu órgão, nem um órgão que está entre ela e o que ela inteligiu. Mas ela entende a sua essência e o seu órgão, o qual é afirmado [como] pertencente a ela e [entende] que inteligiu. Deste modo, ela entende por si mesma e não por meio de um órgão.

[217.5-11] Tendo esclarecido a verdade, dizemos que é indispensável ou que a inteligência [que a faculdade intelectual realiza] do seu órgão deve-se à existência em si mesma da forma do seu órgão ou à existência de outra forma distinta em número [da forma do órgão] que também está [na faculdade intelectual] e no seu órgão; ou se deve à existência de outra forma no seu órgão, [mas] esta distinta em espécie, embora esteja na faculdade intelectual e no órgão. Se se devesse à existência da forma do seu órgão, então a forma do seu órgão sempre estaria no seu órgão e na [faculdade intelectual] por associação. Então, seria necessário que ela sempre entendesse o seu órgão, | pois o entende devido à chegada da forma até [a faculdade racional]. Se se devesse à existência da forma do seu órgão, distinta [da forma no órgão] em número, isto seria falso.

[217.11-18] Primeiramente, porque a alteridade entre coisas que entram em uma única definição pertence a diferentes matérias, disposições e acidentes ou pertence às diferenças que existem entre o universal e o particular, o abstraído da matéria e o existente na matéria, não há diferença de matéria ou de acidente, pois a matéria é uma e os acidentes existentes são um, não havendo diferença entre a abstração e a existência na matéria, pois todas as duas estão na matéria, nem havendo diferença entre o singular e o universal, pois se um dos dois fosse adquirido de um particular, o particular seria adquirido por causa da matéria particular e dos agregados que se agregam [ao particular] do ponto de vista da matéria que existe nele.

[217.19-218.7] Esta intenção não é própria de um à exclusão do outro, nem decorre disto a percepção da alma de si mesma, a qual sempre percebe a si mesma [embora], no mais das vezes, a sua percepção pertença ao corpo que está com ela; conforme o que foi esclarecido. E você || sabe que não é possível pertencer à existência da outra forma que é distinta da forma do seu órgão. Isto seria mais absurdo, pois quando a forma inteligível é recebida, a substância inteligente a torna inteligível quando esta forma [se torna] uma forma dela ou quando esta forma é emanada sobre ela. Então, a forma emanada é acrescida à forma e esta forma inteligível | não é a forma deste

órgão, nem é a forma da coisa emanada sobre [a substância inteligente] em essência, pois a essência deste órgão é uma substância. Nós estabelecemos e consideramos a forma por si e a substância por si [como] não sendo idênticas de modo algum.

[218.8-14] Esta demonstração é uma evidência de que é impossível, na percepção, que [o indivíduo] que percebe perceba pelo órgão o seu órgão. Isto [ocorre], pois a sensação apenas sente uma coisa externa, [mas] não | sente a sua essência, nem o seu órgão, nem o seu sentir. Semelhante é a imaginação, pois não imagina a si nem o seu ato. Porém, se imagina o seu órgão, imagina-o não como sendo sua propriedade ou que indubitavelmente pertencesse a ela em detrimento de outro [órgão]; a não ser que, se possível, o sentido conduzisse até ela a forma do órgão. Neste caso, imitaria uma imagem tomada do sentido sem [qualquer] relação com ele. Se não fosse [a forma] do seu órgão, ele não seria imaginado.

[218.15-219.4] Ainda dentre [as coisas] que nos são evidentes ou convencem pela [evidência] está o fato de as faculdades perceptivas por meio dos órgãos fatigarem-se devido à ação constante. Os órgãos se fatigam devido à constância do movimento e [quando] a sua mistura, que é sua substância e natureza, corrompe-se. As coisas intensas e difíceis de perceber enfraquecem [os órgãos] e, às vezes, fatigam-nos. [As faculdades] não percebem o que é mais fraco e que vem na sequência, pois elas estão submersas nas paixões do que é [intenso]. Como no caso do sentido, quando os sensíveis intensos e frequentes o enfraquecem e, às vezes, fatigam-no do mesmo modo que a luz para a visão || e o forte estrondo para a audição; o sentido não se fortalece com a percepção do forte em detrimento da percepção do fraco. Tendo sido vista uma luz forte, não se vê, ao mesmo tempo ou depois, uma luz fraca, quem escuta um som forte não escuta, ao mesmo tempo ou depois, um som fraco e quem sente um sabor doce forte, depois dele, não sente o fraco.

[219.4-9] Com as coisas na | faculdade intelectual dá-se o contrário. A sua constância, própria da intelecção, e a sua conceitualização, própria das coisas que são mais fortes, conferem [ao intelecto] um poder e uma facilidade para receber o que é [percebido] em seguida e é mais fraco. Se acontecer [ao intelecto] de, na sequência, se cansar ou se exaurir, isto se deve ao fato de o intelecto ser auxiliado pela imaginação empregando os próprios órgãos que se exaurem; assim, [o órgão] não serve o intelecto. Se isto fosse diferente, [o uso que o intelecto faz do órgão] aconteceria sempre ou no

mais das vezes, mas as coisas [acontecem] de modo contrário.

[219.10-15] Ainda, o poder de cada uma das partes do corpo se enfraquece com o fim do desenvolvimento e depois da [sua] interrupção. Isto se dá antes dos quarenta [anos] ou perto dos quarenta. Esta faculdade que percebe propriamente os inteligíveis se fortifica, na maior parte dos casos, depois. Se ela estivesse dentre as faculdades corpóreas, seria necessário que, em todos os casos, ela se enfraquecesse. Contudo, isto não é necessário exceto nos casos eventuais de impedimento, exceção | dentre a totalidade dos casos. Assim, ela não está dentre as faculdades corpóreas.

[219.16-19] A partir destas coisas se torna claro que toda faculdade que percebe por meio de um órgão não percebe a si, nem seu órgão, nem a sua percepção e se enfraquece com o aumento da ação [de perceber]; o fraco não percebe a impressão do forte, o forte o exaure e a sua ação se enfraquece com a fraqueza do órgão. A faculdade intelectual é completamente diferente.

[219.16-220.5] Se alguém estima que a alma esqueça seus inteligíveis e não realize suas ações na doença do corpo e durante a velhice, isto é próprio dela por sua ação não se completar senão pelo corpo. [Esta] opinião não é necessariamente verdadeira, pois || é possível reunir as duas coisas. Assim, a alma possui uma ação por si mesma, desde que um impedimento não a atrapalhe nem uma distração a distancie. [A alma] também pode renunciar à sua ação própria no momento em que [se manifesta] uma disposição do corpo. Então, a alma não age segundo sua ação própria, distanciando-se dela. Os dois discursos não são contraditórios. | Sendo assim, não há um contra argumento que se apresente.

[220.5-221.1] Dizemos que pertence à substância da alma duas ações: uma ação de administração do corpo e uma ação em relação à sua essência e aos seus princípios, que é a percepção [realizada] pelo intelecto. As duas [ações] são opostas. Se [o intelecto] se ocupa com uma delas, distancia-se da outra, pois é difícil manter juntas as duas coisas. No caso do corpo, sua ocupação é a sensação, a imaginação, a concupiscência, a cólera, o medo, a angústia e o sofrimento. E você conhece isto quando se põe a cogitar sobre um inteligível e todas estas coisas não são empregadas por você, exceto que triunfem na alma e a forcem para o lado delas. E você sabe que os sentidos obstruem [o ato] de intelecção da alma, pois quando a alma se dedica ao sensível, ela se distrai do inteligível sem que seja danificado a faculdade do intelecto ou sua essência. |

E você sabe que a causa disto é a ocupação da alma com uma ação em detrimento da outra ação; mesma situação e causa de quando as ações do intelecto são obstruídas pela doença. Se a disposição intelectual natural obtida se anulasse e se corrompesse por causa do órgão, então o restabelecimento do órgão para o seu estado tornaria necessária a obtenção [dos inteligíveis] desde o começo. Mas as coisas não são assim, pois a alma retorna para a sua disposição natural e para sua configuração intelectual possuindo tudo aquilo que inteligiu no estado [anterior] quando o corpo retorna à sua condição [anterior à corrupção]. Então, acontece que o que foi obtido existe com ele de modo que [o intelecto] apenas se distraiu disto.

[221.1-7] Não há divergência entre as ações da alma de modo que impedisse as suas ações, mas, por outro lado, é a multiplicidade das ações, que torna necessária [a divergência entre as ações]. O medo [faz com que] se negligencie o sofrimento, a concupiscência passa por cima da cólera e a cólera desvia do medo. A causa de tudo isto é uma: a alma é completamente direcionada | para uma única coisa. Isto não é necessário se uma das duas ações não se realiza de modo a desviá-la da sua ocupação com esta coisa que não efetivou a sua ação, exceto quando a existência desta coisa ocupa [a alma] com isto.

[221.7-9] E tendo percorrido com clareza este assunto, ainda [que não tenha sido feito] um estudo minucioso daquilo que investigamos, após alcançarmos o suficiente [com respeito] ao que foi estudado, [o estudo minucioso] não é necessário.

[221.9-13] Então, a partir dos princípios estabelecidos, ficou claro que a alma não está | impressa no corpo nem é inerente a ele. É necessário que o seu domínio do corpo seja pela configuração particular requerida para a ocupação com a administração do corpo particular, própria de uma relação essencial com ele. A alma persiste nesta [relação] do mesmo modo que [persiste] em existir em conjunto com a existência do seu próprio corpo conforme a configuração [do corpo] e conforme a compleição [do corpo].

### Seção V.3

[Esta seção] contém duas investigações: uma delas é [sobre] o modo pelo qual a alma humana é beneficiada pelos sentidos e a segunda é [sobre] a constatação da sua originação

[221.16-222.4] As faculdades animais auxiliam a alma racional em [algumas] coisas, dentre elas, os sentidos, o quais fazem parte do conjunto [das faculdades animais], transferem para ela os particulares. Então, ocorrem [na alma racional], a partir dos particulares, quatro coisas. A primeira delas é a extração pela mente dos universais simples a partir dos particulares || por meio da abstração das suas intenções da matéria, das suas aderências da matéria e dos seus agregados; e a consideração do que nisto é comum, do que é diferente, o essencial e o accidental de sua existência. Então, a partir disto originam-se, na alma, os princípios da conceitualização com a ajuda e emprego da imaginação e da estimativa.

[222.4-7] A segunda [delas] é a projeção pela alma de relações entre estes universais simples tal como negação ou afirmação. Assim, [realizada] a combinação por negação ou afirmação, o primordial, evidente por si mesmo, é apreendido; quando isto não é o caso, [a alma] abandona para encontrar o termo médio [do silogismo].

[222.7-11] A terceira é a aquisição das premissas empíricas, ou seja, a produção pelos sentidos de um predicado que deve ser aplicado ao julgamento pertencente a um sujeito de modo afirmativo ou negativo; ou, conseqüentemente, [por] uma conexão afirmativa ou negativa; ou uma oposição afirmativa ou negativa. | Isto não [acontece] em alguns momentos à exclusão de outros, nem de modo idêntico, mas [se trata] de uma existência constante.

[222.11-14] A alma permanece sobre o que está entre a natureza deste predicado e o sujeito desta relação; a natureza disto [que] se segue é inseparável desta premissa ou é incompatível com ela devido à sua essência, [mas] não por acaso. Esta é uma crença produzida por um sentido e por um silogismo; como está esclarecido na disciplina lógica.

[222.14-15] A quarta são os predicados cujo assentimento se realiza na alma devido à transmissão contínua e múltipla.

[222.16-223.5] Assim, a alma humana é auxiliada pelo corpo para adquirir estes princípios próprios da conceitualização e do assentimento. Então, quando os adquire, retorna para si mesma. Se acontecer a ela de uma das faculdades que lhe são inferiores ocuparem-na com o que a desvia, dentre as situações que a distraem, || e se ela não se ocupar [com estas faculdades], então ela não necessita delas após isto [para realizar] a mais própria das suas ações, exceto com respeito às coisas que são particularmente necessárias para que as faculdades imaginativas voltem [a agir] novamente. Isto se deve ao uso de um princípio diferente daquele [que foi] obtido, ou à assistência pela assimilação do interesse na imaginação a fim de consolidar a sua assimilação pela assistência [da imaginação] ao intelecto. | Isto é sobre o que acontece no começo, mas não sobre o que acontece depois, exceto [com respeito ao que vem] logo em seguida.

[223.5-10] Quando a alma se aperfeiçoa e se fortificada, ela, em qualquer circunstância, isola-se em suas ações ainda que as faculdades sensíveis, imaginativa e as outras faculdades corpóreas desviem-na da sua ação. Como, por exemplo, quando os homens têm necessidade de um animal de carga e dos instrumentos a fim de realizar, por meio deles, um propósito. Se, em seguida, acontecer de causas o impedirem, afastando-o [do seu propósito], a causa ocorrida é exatamente um impedimento.

[223.11-224.2] Dizemos que a alma humana não adquire uma existência separada dos corpos. Ela ocorre nos corpos porque as almas humanas são semelhantes em espécie e intenção. Se se supõe que pertence [à alma] uma existência que não é originada com a originação do corpo, mas é uma existência separada, então não seria possível que a alma fosse múltipla nesta existência. Isto pois a multiplicidade das coisas acontece ou do ponto de vista da quiddidade e da forma, ou do ponto de vista da relação com o elemento e com a matéria múltipla através dos quais [as almas] se multiplicam a partir dos substratos que as contêm, conforme cada matéria, segundo a duração que é própria de cada uma delas [a partir da] sua originação e [segundo] às causas [responsáveis pela] divisão [da matéria]. Portanto, [as almas] não são diferentes em quiddidade || e forma porque a sua forma é una. Assim, elas são diferentes com respeito ao receptáculo da quiddidade ou [com respeito ao] que é atribuído à [alma tendo em vista] o que é próprio da quiddidade. Este [receptáculo] é o corpo.

[224.2-6] Se fosse possível a alma existir e o corpo não, não seria possível diferenciar numericamente uma alma de outra; mas isto [acontece] com todas as coisas

sem exceção. As coisas cujas essências são apenas intenções, as suas espécies foram multiplicadas pelos seus indivíduos. Deste modo, o seu multiplicar-se é por meio do receptáculo, do que a recebe e das coisas afetadas por ele; ou [o seu multiplicar-se] é apenas por uma relação com ela e com a sua duração.

[224.7-9] Se [a alma] fosse completamente abstraída, ela não seria diferenciada; sobre [isto já] falamos. Seria um absurdo que entre elas houvesse diferença e multiplicidade. Então, é falso que as almas [possuem] a essência numericamente multiplicada antes de começarem [a existir] nos corpos.

[224.10-15] Digo ser impossível que [as almas possuam] a essência numericamente una, pois se dois corpos [adquirem existência], duas almas [adquirem existência] junto com os dois corpos. Assim, ou [as duas almas] seriam partes daquela alma una; [ou] a coisa una à qual não pertence grandeza e volume seria divisível em potência. Contudo, é evidente a falsidade disto pelos princípios estabelecidos nas [investigações] naturais e em outras [ciências], ou a alma numericamente una estaria em dois corpos [diferentes]. Isto também não necessita de muitas explicações quanto à sua falsidade.

[224.15-17] Dizemos, com outras palavras, que esta alma apenas se individua [de modo a se tornar] uma alma una com respeito à totalidade da sua espécie pelos princípios que se agregam a ela e que não lhe pertence de modo intrínseco, pelos quais ela é alma, exceto se fossem compartilhados por todas elas.

[224.17-225.1] Sem dúvida, os acidentes acessórios se agregam [à alma] a partir de uma origem porque eles decorrem de uma causa acidental pertencente a algumas [almas] à exclusão de outras. A individuação das almas também é uma originação e, assim, elas não possuem uma anterioridade incessante. A sua originação é com o corpo. Consequentemente, é verdade que a alma se origina do mesmo modo que se origina uma matéria corpórea apropriada para o seu uso.

[225.2-6] Assim, o corpo originado é domínio [da alma] e seu instrumento. Na substância da alma originada com certo corpo - este corpo que mereceu [receber] a originação [da alma] a partir dos princípios primeiros - [ocorre] uma configuração [segundo] uma inclinação natural para o funcionamento [do corpo], para o seu uso, para o cuidado | com as suas disposições e para ser atraída para [o corpo], [de modo] apropriado a ela, afastando-a de todos os outros corpos.

[225.6-10] É certo que se [as almas] existem individuadas, há um princípio que as individua que se adere a elas com respeito às configurações que determinam uma individuação. Estas configurações são próprias [da alma] devido a este corpo e à adequação [a ele] de modo que um seja útil ao outro mesmo se esta circunstância e esta adequação sejam desconhecidas por nós; e os princípios da perfeição chegam para ela por intermédio dos seus corpos.

[225.10-13] Se alguém apontasse que esta dúvida sobre as almas, quando separadas dos corpos, persiste, já que ou elas se corrompem, embora não defendam [isto], ou elas se unem, o que seria certa propriedade que abominam, ou permaneceriam múltiplas, mas, para vocês, [as almas] estão separadas da matéria. Assim, como seriam múltiplas?

[225.14-226.2] Sobre depois da separação das almas dos corpos, dizemos que, indubitavelmente, cada uma das almas já se encontrava com uma essência individualizada devido à diferença entre as matérias com as quais existiam, devido à diferença [entre] o momento das suas originações e devido à diferença entre as configurações que lhes pertencem conforme os seus diferentes corpos. Com certeza, sabemos que o originador das intenções universais [como] um indivíduo particular não poderia as originar [como] um indivíduo senão acrescentando [à intenção] uma intenção de acordo com sua espécie pela || qual ele se torna um indivíduo a partir das intenções que se aderem [à primeira intenção] durante a sua originação e que lhe são inerentes, conhecendo-as ou não.

[226.2-9] Sabemos que a alma não é a mesma em todos os corpos. Caso ela não fosse una, mas múltipla devido à relação, ela estaria ciente [das mesmas coisas] em todos eles ou ignorante [de todas as coisas] e não seria desconhecido por Zayd o que está na alma de ‘Amr, pois acontece de a unidade relacionada à multiplicidade [se multiplicar] devido à relação. Sobre as coisas existentes próprias deles, essencialmente, elas não [se multiplicam] de modo que, quando um pai possui muitos filhos e ele é jovem, ele apenas é jovem tendo em vista o todo, pois a juventude que lhe pertence, em si mesma, participa de toda relação; igualmente, o conhecimento, a ignorância, a opinião e o que se assemelha a isto estão na essência da alma, embora participem, com a alma, de toda relação.

[226.9-14] Deste modo, a alma não é una. Ela é numericamente múltipla mesmo

que a sua espécie seja una; e ela é originada como foi esclarecido. Não se duvida que ela é particularizada por meio de algo que, com respeito à alma humana, não é a impressão na matéria, pois já se conhece a falsidade do discurso sobre isto. Este algo que lhe pertence é uma configuração dentre as configurações, uma faculdade dentre as faculdades e um acidente dentre os acidentes pneumáticos ou uma totalidade a partir da qual [a alma] se individualiza pela reunião [destas coisas], mas que nós desconhecemos.

[226.14-16] Após se individualizar, não é possível que ela e outra alma sejam uma essência una numericamente; já enumeramos os discursos sobre a impossibilidade disto em muitos lugares.

[226.17-227.10] Sabe-se ser necessário que a alma, quando se origina acompanhada da originação de uma mistura, origina-se para ela uma disposição para as ações racionais e paixões racionais [que], em conjunto, estão discernidas das disposições teóricas pertencentes a outra [alma]. || As duas misturas são separadas em dois corpos e a disposição adquirida que se chama intelecto em ato também [foi adquirida] e, de certo modo, por ela, uma alma está separada de outra. Acontece a ela o conhecimento da sua essência particular que é certa disposição nela [que] também é particular e não pertence à outra [alma]. É necessário que também se origine, nela, do ponto de vista das faculdades corpóreas, uma configuração particular que está vinculada às disposições morais ou são elas; e também [possua] outras propriedades desconhecidas por nós que se aderem às almas com a originação delas e, depois, do mesmo modo que decorrem os indivíduos corpóreos da espécie, a partir dos seus similares, [as almas] se distinguem [por estas propriedades] enquanto permanecerem. Assim, as almas estão separadas por aquilo que, nelas, é particular, corpóreo ou não, tendo conhecido ou não estas circunstâncias ou [apenas] algumas delas.

## Seção V.4

As almas humanas não se corrompem nem transmigram

[227.13-15] A alma não morre com a morte do corpo, pois tudo que se corrompe o faz com a corrupção de outra coisa. Assim, uma coisa se vincula a outra por certo tipo de vínculo. Na existência, | o seu vínculo é um vínculo posterior [à existência desta coisa] ou é um vínculo anterior, cuja anterioridade é essencial e não temporal; ou é um vínculo concomitante à [sua] existência.

[227.16-19] Se a alma se vinculasse ao corpo por um vínculo concomitante à [sua] existência e isto fosse algo que lhe pertencesse essencialmente e não acidentalmente, cada um dos dois [possuiria] a essência complementada pelo outro e não seria nem a alma, nem o corpo uma substância. No entanto, os dois são duas substâncias.

[227.19-228.7] Se [o vínculo] || fosse acidental e não essencial e se um dos dois se corrompesse, o que é acidental seria obsoleto tendo em vista as [outras] relações e, no caso deste que se vincula, a [sua] essência não se corromperia com a corrupção [do outro]. Se o seu vínculo com [o corpo] fosse posterior à existência [do corpo], então o corpo seria a causa da alma na existência. As causas são quatro: ou o corpo seria causa eficiente para a alma, doando a existência para ela; ou seria causa potencial devido à composição, como os elementos para os corpos, ou devido à simplicidade, como o bronze para a estátua; ou causa formal; ou causa perfectiva.

[228.7-12] É um absurdo [o corpo] ser causa eficiente. O corpo enquanto corpo não age de modo algum, mas apenas em potência. Se ele agisse por essência e não em potência, então todo corpo realizaria [o mesmo] ato. Assim, todas as faculdades corpóreas são acidentes ou formas materiais. É absurdo que os acidentes e as formas estruturadas na matéria forneçam existência para uma essência estruturada em si, não em uma matéria, e [forneçam] existência para uma substância independente.

[228.12-16] É absurdo também que [o corpo] seja causa potencial. Foi demonstrado e esclarecido que a alma não está impressa no corpo de modo algum. Assim, conseqüentemente, o corpo ganha forma pela forma da alma, não por simplicidade, nem por composição, nem de modo que as partes do corpo se

corromperiam e se misturariam em uma composição qualquer ou em uma mistura qualquer como se a alma estivesse impressa nela.

[228.17-229.5] É absurdo que o corpo seja causa formal da alma ou [causa] perfectiva. É primordial que seja o contrário. O vínculo da alma com o corpo não é um vínculo essencial, pois a mistura e o corpo são, para a alma, causas acidentais. Assim, quando se origina a matéria do corpo apropriada para ser um instrumento e receptáculo para a alma, causas separadas originam || a alma particular ou a originação delas é algo do tipo. A sua originação sem uma causa particular – originação única de modo único – é absurda. Com isto [a alma] estaria privada da multiplicidade numérica, como foi explicado. Isto porque, inevitavelmente, todo existente [originado] após o seu não ser é recebido por uma matéria configurada para recebê-lo ou configurada para uma relação com ele, como foi explicado em outras ciências.

[229.5-8] Ainda, se fosse possível que a alma particular fosse originada sem que se originasse para ela um instrumento pelo qual ela se aperfeiçoasse e agisse, a [sua] existência não teria função; mas não há nada sem função na natureza. Dada esta impossibilidade, [a alma] não [possui] tal aptidão.

[229.8-12] Quando se originam as configurações próprias da relação e as disposições próprias dos instrumentos, segue-se, necessariamente, ser a alma a coisa que se origina a partir de causas separadas. Isto não acontece apenas no caso da alma, mas se aplica a toda forma originada após não ter existido. Então, a sua existência predomina à sua não existência devido às disposições materiais que lhe são próprias e ao ato de se tornarem [instrumentos] aptos para [as ações da alma].

[229.12-230.4] Quando uma coisa se origina a partir de [outra] coisa, não é necessário que ela cesse [de existir] com o cessar [da outra]. Isto [apenas] é possível se a essência da coisa é estruturada por esta [outra] coisa ou nela. Algumas coisas têm sua origem a partir de [outras] coisas, algumas deixam [de existir] e [outras] continuam [a existir]. Quando a sua essência não está estruturada na [outra coisa] em particular, quando o que concede a existência que lhe é própria é outra coisa diferente [dela], cuja aquisição da existência foi preparada [juntamente] com a existência [do que lhe concede existência], o que concede a existência da alma é uma coisa diferente do corpo e não é uma faculdade no corpo, mas é, inquestionavelmente, uma essência que subsiste livre da matéria e da grandeza. Então, se a sua essência se dá a partir desta coisa e a partir do

corpo resulta somente o momento || da reivindicação da existência, não acontece [à alma] de se conectar com o corpo, nem o corpo é uma causa para ela, exceto por acidente. É impossível dizer que a conexão entre [a alma e o corpo] é de certo tipo que requer que o corpo seja anterior a ela [como] a causa antecede [o causado].

[230.5-231.2] A terceira classe, que já enumeramos no começo, [diz respeito] ao fato de a conexão entre alma e corpo ser uma conexão anterior com respeito à existência. Segue-se disto que a anterioridade é temporal. É impossível que a sua existência se conecte com [o corpo] dado que [a alma] seria anterior a ele no tempo. Ou seria uma anterioridade quanto à essência e não quanto ao tempo. Segundo este tipo de anterioridade, no momento em que a essência do que é anterior existe, decorre-se disto, concomitantemente, a essência do que é posterior na existência. Neste caso, isto que é posterior na existência também não existe quando se pressupõe que o anterior deixou de existir. Não que o deixar de existir do posterior torne necessário o deixar de existir do anterior, mas não é possível que o posterior deixe de existir exceto se, primeiramente, acontecesse ao anterior, em sua natureza, algo que o aniquilasse. Neste caso, o posterior deixou de existir. Então, supor o aniquilamento do que é posterior não torna necessário o aniquilamento do anterior, mas [apenas] se se pressupõe o aniquilamento do anterior em si mesmo, pressupõe-se que o posterior tenha sido aniquilado depois que acontece ao anterior de ser aniquilado na sua essência. Se acontecesse deste modo, então, seria necessário que o que causasse o aniquilamento se desse na substância da alma e, juntamente com [o aniquilamento da substância da alma] o corpo [deixaria de existir]. Contudo, o corpo não se corrompe por meio de uma causa que é própria [apenas da substância da alma], mas o corpo é corrompido por uma causa que lhe é própria pela alteração da mistura ou da composição. Portanto, é incoerente [dizer] que a alma está conectada com o corpo [de modo] essencialmente anterior e que o corpo se corrompe por meio de uma causa que é própria [apenas] do corpo. Assim, não haveria esta conexão entre eles e todos os tipos de conexão seriam falsos. Mantém-se que a alma, na existência, não possui uma conexão [intrínseca] com o corpo, mas, durante a sua existência, a sua conexão se dá com outros princípios, os quais não se corrompem nem deixam [de existir].

[231.3-8] Digo também que há outra causa [para o fato de] a alma não deixar de existir. Todas as coisas que naturalmente se corrompem, por uma causa qualquer,

possuem a potência para se corromper e, antes da corrupção, o ato de continuar a existir. A sua configuração para se corromper não é [como a configuração] do seu ato de continuar a existir. Isto pois a intenção da potência é diferente da intenção do ato e a relação com esta potência é diferente da relação com este ato, pois [a potência] está relacionada com a corrupção e [o ato] se relaciona com [a continuação da existência]. Assim, estas duas intenções existem na coisa, pertencendo a dois estados diferentes.

[231.8-16] Dizemos que é possível que se combinem nas coisas compostas e nas coisas simples, as quais existem nas [coisas] compostas, o ato de continuar a existir e a potência para se corromper, mas, nas coisas simples essencialmente separadas, não é possível que se combinem estas duas coisas. Absolutamente, digo que não é possível combinar na coisa de essência uma estas duas intenções porque todas as coisas que continuam a existir e possuem a potência para se corromper também possuem a potência para continuar a existir, pois a continuação da sua existência não é necessária. Se não é necessária, é possível. A possibilidade que inclui [estas] duas intenções é a natureza da potência. Assim, em sua substância, ela possui a potência para continuar a existir e o ato de continuar existindo.

[231.16-232.5] Foi estabelecido que o seu ato de corrupção não é [o mesmo que] a sua potência para se corromper. Isto é óbvio. O seu ato de continuar a existir é algo que acontece à coisa, a qual possui a potência para continuar a existir. Assim, esta potência não pertence à essência do que [existe] em ato, mas acontece à essência da coisa que se corrompe em ato, não sendo a verdade da sua essência. Decorre disto que a sua essência é composta de uma coisa, quando está na sua essência [existir] como um existente em ato ||, ou seja, a forma [presente] em todas as coisas, e uma [outra] coisa na qual acontece este ato, mas que, na sua natureza, está dentre as suas potências, ou seja, a sua matéria. Assim, se a alma é absolutamente simples, ela não se divide em matéria e forma e, se ela é composta, deixemos o composto e examinemos a substância que é a sua matéria. Voltemos ao discurso sobre a matéria da alma e falemos sobre ela.

[232.5-13] Dizemos que ou a matéria se divide sem fim e o discurso [também] se mantém sem fim, mas isto é absurdo. Ou a coisa que é a substância e princípio não cessa. Nosso discurso é sobre esta coisa que é o princípio e causa, cujo nome é alma. Contudo, nosso discurso não é sobre a conjunção entre ela e outra coisa. Tudo que é simples e não é composto ou é causa e princípio de um composto e não se conjuga [na

coisa] o ato de continuar a existir e a potência para deixar de existir com respeito à sua essência. Se há uma potência para deixar de existir nela, então é absurdo que haja o ato para deixar de existir; mas quando há o ato para continuar a existir, não há a potência para deixar de existir.

[232.13-16] Deste modo, é claro que a substância da alma não possui uma potência para se corromper. No caso das coisas geradas, as quais se corrompem, o que delas se corrompe é o composto. A potência para se corromper ou para continuar a existir não está na intenção segundo a qual o composto é uno, mas na matéria que é receptiva em potência de todos os contrários.

[232.16-233.5] Assim, naquilo que não se corrompe do composto, não há uma potência para continuar a existir, nem uma potência para se corromper e [ambas] não estão combinadas no composto. No caso da matéria, ou há algo que continua a existir, não por meio de uma potência que a prepara para continuar a existir, como consideram algumas pessoas, ou há algo que continua a existir em potência por meio do qual ela continua a existir. Ela não possui uma potência para se corromper, mas a potência para se corromper é outra coisa que se origina nela. Com respeito às coisas simples que estão na matéria, a potência para a sua corrupção está na substância da matéria e não nas suas substâncias. || O que é necessário na demonstração segundo a qual todo existente é corrompido do ponto de vista da finitude das potências para continuar a existir e para deixar de existir, é que está na matéria do existente constituído de matéria e forma a potência para esta forma continuar a existir nela e a potência para [a matéria] se corromper, [ambas] simultaneamente; como você já sabe. Então, [fica] estabelecido que a alma humana não se corrompe de modo algum. O nosso discurso conduziu a esta conclusão [graças] à divina concessão.

[233.5-13] Mostramos que as almas apenas se originam e se multiplicam em concomitância com a configuração dos corpos de modo que a configuração dos corpos torne necessário que emane a existência própria da alma a partir das causas separadas. Resulta disto que [a individuação das almas] não acontece por acaso ou fortuna, como se a existência da alma originada não fosse necessariamente uma demanda desta mistura por uma alma originada, governante [do corpo], pois [quando] uma alma é originada, é consentido que exista conectado a ela um corpo. O que se assemelha a isto não é, de modo algum, uma causa essencial para a multiplicidade [das almas], mas é,

possivelmente, [uma causa] accidental. Contudo, já sabemos que as causas essenciais, necessariamente, são primeiras [em essência] e, então se seguem as [causas] accidentais.

[233.14-] Sendo assim, todos os corpos demandam necessariamente uma alma própria com a originação da mistura da sua matéria. Não acontece de um corpo demandar e [outro] corpo não demandar uma alma, pois os indivíduos das espécies não se diferenciam com respeito às coisas a partir das quais são estruturados. Assim, não é possível que o corpo humano demandasse uma alma com a qual se aperfeiçoasse e outro corpo, o qual [também] compartilha das determinações da espécie, não demandasse isto; mas se há uma compatibilidade [entre] alma e mistura, ele existe. Caso não se compatibilizassem, ele não existiria e, neste caso, não pertenceria à sua espécie.

[234.1-11] Se supusermos que uma alma transmigrasse dos corpos e cada corpo, por si, demandasse uma alma originada para si a qual se ligasse, haveria em um único corpo duas almas ao mesmo tempo. A ligação entre alma e corpo não acontece pela impressão [no corpo] como se esclareceu, mas a ligação que se dá entre eles é uma ligação do cuidado da alma com o corpo de modo que a alma conhece por aquele corpo e o corpo padece a partir da alma. Todo animal conhece a sua alma [como] uma alma una, a qual conduz e rege o corpo que lhe pertence. Se nele houvesse outra alma, o animal não conheceria por ela, não existiria por [esta] alma nem padeceria pelo corpo. Assim, não pertenceria a ela uma ligação com o corpo já que a ligação acontece daquele modo. Portanto, independente de como for, elas não transmigram. Isto é suficiente para aqueles que desejaram uma síntese, mesmo que sobre isto haja um longo discurso.

## Seção V.5

[A ação] do intelecto agente sobre nossas almas e [a paixão] do intelecto passivo em nossas almas

[234.12-235.8] Dizemos que as almas humanas são inteligentes em potência e, em seguida, tornam-se inteligentes em ato. Tudo que passa da potência ao ato deve-se a uma causa em ato que o faz passar [da potência ao ato]. Assim, há uma causa que faz nossas almas passarem da potência ao ato com respeito aos inteligíveis. Se a causa diz respeito à doação de formas inteligíveis, então, ela não é outra coisa que um intelecto em ato ao qual pertencem os princípios das formas inteligíveis que estão separados e a sua relação com as nossas almas é uma relação [semelhante] à relação entre o sol e a nossa visão. || Do mesmo modo que o sol, por si, é visível em ato e por sua luz o que não é visto em ato é tornado um visível em ato, [é a relação] deste intelecto com as nossas almas. Quando a faculdade inteligível olha para os particulares que estão na imaginação, brilha sobre eles a luz do intelecto agente [por meio] do nosso [intelecto], o que já foi tratado, e [as coisas] abstratas da matéria e dos seus agregados são transformadas e impressas na alma | racional; não que, em si, elas sejam movidas da imaginação para o nosso intelecto, nem que as intenções imersas nos agregados que em si e com respeito à sua essência são abstratas fazem [algo] como elas mesmas, mas no sentido em que se dedicar [aos particulares que estão na imaginação] predispõe a alma para que emane sobre ela, a partir do intelecto agente, algo abstraído.

[235.8-11] Assim, pensamentos e considerações são movimentos que preparam a alma para se mover na direção do fluxo. Igualmente, os termos | médios preparam [a alma] para receber a conclusão de modo mais forte; mas o primeiro é de um modo e o segundo é de outro modo, como você saberá.

[235.11-15] Quando acontece à alma racional certa relação com esta forma por meio da luz do intelecto agente, origina-se nela, a partir dele, uma coisa que, de certo ponto de vista, é do mesmo tipo, e de outro não é do mesmo tipo. Como quando a luz ilumina as [coisas] coloridas e, a partir delas, | produz-se, na visão, um efeito que não é todas [as coisas coloridas] tendo em vista todos os seus aspectos.

[235.15-236.7] Assim, as coisas imaginadas que são inteligíveis em potência

transformam-se em inteligíveis em ato. Não em si mesmas, mas aquilo que é coletado delas. Contudo, do mesmo modo que o efeito que resulta das formas sensíveis por meio da luz não é ele mesmo aquela forma, mas outra coisa relacionada a ela e que se produz no receptor por meio da luz recebida, assim se dá com a alma racional. Quando ela se volta para aquelas formas imaginadas e chega na alma a luz do intelecto agente por um tipo de conjunção, elas são preparadas || de modo que se originem nela, a partir da luz do intelecto agente, as abstrações destas formas de [todas] as misturas. Logo, as coisas essenciais são distinguidas, pelo intelecto, dos acidentes e do que, nestas coisas imaginadas, assemelham-se e se diferenciam. As intenções, as quais não | se diferenciam nelas, vêm a ser uma única intenção na essência do intelecto por meio de comparação entre as semelhanças. Contudo, [as intenções] que estão [nas coisas imaginadas] vêm a ser múltiplas intenções devido à comparação entre as diferenças. O intelecto possui a capacidade de multiplicar a unidade e de unificar a multiplicidade no caso das intenções.

[236.7-11] A ação de unificar a multiplicidade acontece sob dois aspectos. O primeiro, no qual as intenções múltiplas se tornam diferenciadas em número na imaginativa. Quando não se diferenciam com respeito à definição, trata-se de uma intenção única. No segundo caso, a partir das [diferentes] intenções dos gêneros e das diferenças, uma única intenção é composta através da [formulação da] definição.

[236.11- 15] A [ação de multiplicar a unidade] é contrária a estes dois aspectos e isto está entre as propriedades do intelecto humano, mas não pertence às outras faculdades que percebem a multiplicidade [enquanto] multiplicidade, assim como ela é, nem a unidade [enquanto] unidade, assim como ela é. Não é possível que elas percebam a unidade simples, mas [apenas] a unidade da perspectiva segundo a qual ela é um todo composto de coisas e de acidentes. Não é possível que [as faculdades] separem o que é accidental e o remova do que é essencial.

[236.16-237.4] Quando o sentido apresenta uma forma para a imaginação e a imaginação para o intelecto, o que o intelecto apreende dela é uma intenção. Caso outra forma daquela espécie seja apresentada [ao intelecto], a qual é numericamente diferente, o intelecto não apreende dela outra forma diferente da que foi apreendida, exceto do ponto de vista do acidente que é próprio desta [forma], de modo que este acidente é uma vez apreendido de modo abstrato e outra vez acompanhado de [outro] acidente.

Conforme isto || pode-se dizer que Zayd e ‘Amr possuem uma única intenção “humanidade”, a qual não se deve [ao fato de] a humanidade que está associada às particularidades de ‘Amr ser precisamente a mesma humanidade que está associada às particularidades de Zayd. Como se fosse uma única [e mesma] essência que pertencesse a Zayd e a ‘Amr como é no caso da amizade, da autoridade ou outras [coisas semelhantes] a estas.

[237.4-11] Contudo, a humanidade é multiplicada na existência e não há uma existência única | própria da humanidade associada a ela na existência exterior antes de ser a humanidade de Zayd e ‘Amr. Isto explicaremos na arte da sabedoria<sup>3</sup>. O sentido disto é que [dadas as duas formas de humanidade] que chegam [na alma], quando a alma conhece a primeira [forma] de humanidade, a segunda [forma de humanidade] não acrescenta [com respeito à humanidade] nada, mas as duas intenções impressas na alma humana são uma única [intenção] proveniente da primeira imaginação; nem é um efeito [causado] pela segunda imaginação. Assim, | é possível que cada uma das duas intenções tenha causado exatamente o mesmo efeito na alma; o que não é [possível] no caso de um indivíduo homem e [um indivíduo] cavalo [...].

[237.11-15] E, dentre as condições do intelecto, quando ele percebe uma coisa nele, seja ela anterior ou posterior, é necessário inteligir, juntamente com elas, o tempo. Contudo, isto não [acontece] em certo tempo [posterior à percepção da coisa], mas é simultâneo e o intelecto intelige o tempo simultaneamente [ao que é inteligido]. Certamente, a composição [que o intelecto realiza] do silogismo e da definição acontece em um [determinado] | tempo, exceto a sua conceitualização da conclusão e do que é definido, que é instantânea.

[237.16-238.3] A incapacidade do intelecto de conceitualizar as coisas que estão no extremo limite da inteligibilidade e da abstração da matéria não se deve a estas coisas em si nem à predisposição natural do intelecto, mas se deve ao fato de que a alma está ocupada com o corpo [ao existir vinculada] a ele, pois [a alma] necessita do corpo para [realizar] muitas das suas [ações], mas o corpo a separa da mais excelente das suas perfeições. O olho é incapaz de observar o sol não apenas por causa de uma imposição || do sol [que] é diferente da iluminação, mas devido à natureza [própria] do seu corpo. Assim, quando estas imersões [no corpo] e estes impedimentos são removidos da alma,

---

<sup>3</sup> Isto é, na *Metafísica*.

ela entende [aquilo que], para ela, são os mais excelentes, claros e prazerosos conhecimentos.

[238.3-9] Porque o nosso discurso sobre este assunto [versa sobre] a alma enquanto alma e enquanto ela está associada | com esta matéria, não cabe a nós discutirmos sobre o retorno da alma. O discurso é sobre a natureza até que passemos à arte da sabedoria e, nela, investiguemos a respeito das coisas que [existem] separadas. A investigação acerca da ciência natural é caracterizada [pela investigação] daquilo que é apropriado aos assuntos naturais, os quais estão relacionados à matéria e ao movimento.

[238.9-18] Contudo, dizemos que a conceitualização [realizada pelo] intelecto varia tendo em vista a existência | das coisas. O intelecto não percebe as coisas muito intensas devido à superioridade delas e as coisas de existência muito sutil como, [por exemplo], o movimento, o tempo e a matéria-prima, os quais são difíceis de serem conceitualizados devido [ao tipo] de existência [que lhes é próprio]. O intelecto não conceitualiza os não existentes mesmo que eles estejam absolutamente em ato, pois o não existente é percebido em vista de não ser percebida a sua existência. Assim, [o que é percebido] do não existente enquanto um não existente e do mal enquanto mal é algo | em potência e uma ausência de perfeição. Se um intelecto os percebesse, ele o faria porque ambos mantêm uma relação em potência. Os intelectos, aos quais nada em potência é misturado, não entendem o não existente e o mal do ponto de vista de serem não existentes e mal, nem os conceitualiza, pois não está na existência de uma coisa ser um mal de modo absoluto.

## **Seção V.6**

Sobre a gradação das ações do intelecto e sobre o intelecto sagrado, o mais elevado dos graus

[239.3-6] Dizemos que a alma entende quando toma para si a forma dos inteligíveis abstraída da matéria. Ou a abstração é [realizada] pelo intelecto, ou a forma, em si, [já] está abstraída da matéria e a alma está desobrigada de abstraí-la.

[239.7-10] A alma conceitualiza a si mesma e a conceitualização [de si] a torna [ao mesmo tempo] um intelecto, aquilo que entende e o que é entendido. [No entanto], a

conceitualização [que a alma realiza] destas formas não a torna [um intelecto, aquilo que entende e o que é entendido], pois a sua substância [vinculada ao corpo] é sempre um intelecto em potência ainda que, algumas vezes, ele se atualize.

[239.10-16] O que é dito sobre a essência da alma se tornar os inteligíveis é, para mim, [mais um] dentre os absurdos. Não entendo a afirmação daqueles [que dizem que] uma coisa vem a ser outra e não conheço como isto [poderia] acontecer. Caso uma forma fosse removida [de algo], ele seria revestido por outra [forma] e seria uma coisa com a primeira forma e outra coisa com a [segunda] forma. Assim, na verdade, a primeira coisa não vem a ser a segunda coisa, mas a primeira coisa teria sido aniquilada, permanecendo o seu sujeito ou uma parte dele. Contudo, se não é assim, deve-se investigar como é.

[239.16-240.1] Dizemos que, quando a coisa se tornar outra coisa, se é que ela se torna esta coisa, ela é um existente ou um não existente. Se for um existente, a outra também é um existente ou é um não existente. Se esta for um existente, então, as duas são existentes e não são apenas uma. Se ela é um não existente, aquele existente se tornaria uma coisa não existente || não outra coisa existente, mas isto é incompreensível.

[240.1-8] Se a primeira já fosse não existente, o que se tornaria outra coisa?! Seria um não existente que resultaria em outra coisa? Então, como a alma se tornaria forma das coisas? A maior parte das confusões [dentre] os homens acerca disto [se deve] àquele que escreveu a *Isagoge*. Ele era tão desejoso de falar [usando] enunciados enigmáticos, poéticos e místicos, impedindo a si e aos outros de imaginar. Seus livros *Sobre o intelecto e os inteligíveis* e *Sobre a alma* demonstram isto às pessoas [capazes] de discernir. É certo que as formas das coisas chegam à alma, adornando-a e decorando-a [de modo que] a alma, por mediação do intelecto material, é o lugar delas.

[240.8-14] Se a alma se torna forma de uma coisa existente em ato e a forma é, por si, ato e não tendo a forma por si [nenhuma] potencialidade [para] receber uma coisa, dado que a potência para receber é própria da coisa que recebe, neste caso, seria necessário que a alma não possuísse uma potencialidade para receber outra forma ou outra coisa; mas nós a vemos receber outra forma diferente desta forma e, se aquela outra [forma] também não fosse diferente desta forma, isto seria [algo] curioso, pois a recepção [da forma] e a ausência de recepção seriam a mesma coisa.

[240.14-241.1] Se é diferente, não se duvida que a alma – se ela é a forma

inteligível – tornar-se-ia distinta de si, mas não é [assim]. A alma é o que entende e o que é significado por intelecto é uma faculdade [da alma] pela qual ela entende; ou o que é significado [por intelecto] são as formas destes inteligíveis em si mesmas. Porque as [formas inteligíveis] são inteligíveis na alma, o intelecto, o que entende e os inteligíveis não são uma única coisa nas nossas almas. É possível que seja assim com outras coisas que || serão tratadas em seus lugares.

[241.1-4] Se intelecto material significa a disposição absoluta da alma, então, ele permanece sempre em nós enquanto continuarmos neste corpo; ou se [o intelecto material] é significado em relação a uma coisa, então a disposição cessa com a existência do ato.

[241.5-16] Tendo sido estabelecido isto, dizemos que a conceitualização dos inteligíveis [acontece] de três modos. O primeiro deles é a conceitualização que é em ato na alma por diferenciação e arranjo. Mas esta diferenciação e arranjo, às vezes, não são necessários, pois podem se alterar. Por exemplo, quando você divide as intenções dos termos indicados pelo seu enunciado “Todo homem é um animal” [que está] presente na sua alma. Você descobre que a intenção de cada um [dos termos] não é conceitualizada exceto pela substância incorpórea e descobre que é próprio [da conceitualização realizada por esta substância incorpórea colocar umas intenções] antes e [outras] depois. Se você rearranja este [enunciado] de modo que a ordem das intenções conceitualizadas seja a ordem oposta do enunciado “o animal é predicado de todos os homens” você não duvida que esta ordem, sendo a ordem das intenções universais, apenas é ordenada pela substância incorpórea. De certo ponto de vista, ela também é ordenada pela imaginação como [algo] perceptível, não como inteligível. Assim, as duas ordenações são diferentes e o inteligível simples [está relacionado] à primeira [ordenação].

[241.16-20] Tendo acontecido a conceitualização [das intenções] e tendo adquirido [os universais simples], o segundo modo [consiste] na alma ser afastada [das intenções]. Ela não presta atenção nestes inteligíveis, mas se move na direção de outro inteligível, pois não está entre as capacidades das nossas almas entender ao mesmo tempo coisas concomitantes.

[241.20-242.5] O outro tipo de conceitualização é como o que você possui com respeito a uma questão levantada sobre algo que conhece ou sobre algo que está

próximo daquilo que você conhece; e a resposta [à questão] se apresenta a você instantaneamente e você sabe que respondeu [à questão usando] aquilo que conhece sem diferenciar de modo algum. Contudo, você passa a diferenciar e ordenar em sua alma quando chega à resposta que se origina do seu conhecimento da certeza antes de diferenciar e ordenar.

[242.6-11] A diferença entre a primeira conceitualização e a segunda é evidente, pois a primeira é como uma coisa que você remove do depósito e a utiliza, enquanto a segunda é como uma coisa que você armazena e, quando quiser, pode utilizá-la. O terceiro difere do primeiro por não ser algo ordenado no pensamento, mas é como um princípio para isto dada a sua conexão com a certeza e difere do segundo por não estar afastada [dos inteligíveis], mas é investigado em ato [como] algo que é certo. Com isto, a relação com uma parte do que foi depositado é própria [da terceira conceitualização].

[242.12-15] Se se diz que este [terceiro] conhecimento também está em potência, [ou] é uma potência próxima do ato, isto é falso, pois é próprio de quem o possui uma certeza que se realiza em ato e [porque é uma certeza em ato] não é necessário [que a crença] seja resultado de uma potência próxima ou distante [do ato]. Assim, esta certeza pertence àquele que está certo de que resulta nele [a certeza] quando quis o seu conhecimento. A sua certeza está em ato, a qual resulta de uma certeza em ato.

[242.16-243.3] Porque o resultado é resultado de alguma coisa, esta coisa que indicamos [como] resultado está em ato, pois é absurdo estar certo que o desconhecido em ato é um conhecido armazenado em você. Como se está certo sobre uma coisa, exceto se, de algum modo, a certeza [desta coisa] seja conhecida? Se a designação é obtida do que é conhecido em ato a partir da certeza em ato de que esta [é algo que] ele possui armazenado, então, [a certeza] é conhecida por ele por meio deste tipo simples [de conceitualização]; e acontece de transformar [a certeza] em algo conhecido por outro tipo [de conceitualização].

[243.3-6] É admirável que este que responde, quando se prepara para ensinar a outro, um detalhamento qualquer acontece instantaneamente na sua alma e, simultaneamente aquilo que ele ensina, ele conhece pelo segundo modo [de conceitualização], pois aquela forma se ordena nele em conjunto com a ordenação dos seus termos.

[243.7-12] Então, um dos dois tipos é o conhecimento do pensamento pelo qual se completa a plena perfeição ao ordenar e compor e o segundo é o conhecimento simples do qual não é função haver para ele, na alma, forma depois de forma, mas é o único do qual emanam formas [diretamente] no receptáculo das formas. Então, [aquele] é um conhecimento ativo da coisa que nomeamos conhecimento do pensamento e um princípio para ele; [o conhecimento simples] pertence à faculdade intelectual absoluta da alma que se assemelha ao intelecto agente.

[243.12-15] Com respeito ao detalhamento, ele pertence à alma enquanto alma, pois se ela não o possuísse, ela não possuiria conhecimento. Como pertenceria à alma racional um princípio distinto da alma que lhe é própria [ou] um conhecimento distinto do conhecimento anímico? [Isto] é um objeto de investigação que você deve conhecer pela sua alma.

[243.15-244.4] Saiba que, no [caso] do intelecto não misturado, [o conhecimento do seu princípio e o conhecimento da alma] não são multiplicados de modo algum, nem é ordenada forma depois de forma, mas é um princípio para todas as formas que emanam para [nossa] alma. Sobre isto, é necessário acreditar || na condição dos [intelectos] separados e puros e nas intelecções [que realizam] das coisas. A sua intelecção é o intelecto que age sobre as formas, que as cria, não possuindo formas nem estando dentre as formas da alma. Assim, a alma, a qual pertence ao mundo sublunar, é uma alma cuja conceitualização é uma conceitualização ordenada e diferenciada e, de modo algum é simples.

[244.4-9] Toda percepção intelectual é certa relação com uma forma separada da matéria e dos acidentes materiais; assim como [foi] anteriormente mencionado. Isto pertence à alma porque ela é uma substância receptora [na qual] são impressas [estas formas]; e pertence ao intelecto porque ele é uma substância [e] um princípio agente criador e o que é princípio da sua essência, dentre o que é um princípio para ele, é a inteligibilidade em ato; e o que é próprio da alma, dentre [os tipos] de conceitualização [realizados] por ela e [tendo em vista] a recepção que lhe é própria, é a inteligibilidade em ato.

[244.10-19] O que é necessário conhecer acerca da situação das formas, as quais estão na alma, é [o que] digo: quanto [às formas] imaginadas e ao que decorre delas, quando a alma se afasta delas, elas são depositadas nas faculdades que possuem um

depósito, mas que, em verdade, não são perceptivas; caso contrário, seriam perceptivas e depósitos concomitantemente. Contudo, elas são um depósito quando a faculdade perceptiva, judicativa, estimativa, a alma ou o intelecto, voltam-se para elas e encontram [as formas] armazenadas. Se elas não fossem encontradas, seria necessário que retornassem [às formas] pelos sentidos ou pela reminiscência. Caso isto não fosse [apenas] uma desculpa [para a inexistência do depósito], seria algo adequado questionar: quando a alma está distraída da forma, esta forma é um existente ou não é um existente, exceto em potência? Duvida-se acerca de como [a forma] retornaria [à existência]. E, quando ela não estivesse na alma, em qual coisa ela estaria? A alma estaria conectada a qual coisa quando esta forma retornasse?

[245.1-5] As faculdades da alma animal já [existem] diferenciadas e foi concedido a cada uma delas um órgão separado. Concedeu-se às formas um depósito, negligenciando-as da estimativa e concedeu-se às intenções um depósito, negligenciando-as da estimativa, pois ela não é o lugar da estabilidade destas coisas, mas é judicativa. Cabe dizer que a estimativa pode lidar com as formas e intenções depositadas nos confins das duas faculdades e [também] pode se afastar delas.

[245.5-13] Agora, o que dizemos sobre a alma humana e sobre os inteligíveis, os quais ela adquire e dos quais se distrai para [se dedicar] a outros? Eles são existentes [que estão] nas almas em perfeito ato? Não se duvida que ela os entenda em perfeito ato ou que, nela, haja um depósito para eles, no qual são armazenados. Este depósito seria a sua essência, seu corpo ou uma coisa corpórea que lhes pertence? Já dissemos que o corpo dela e o que está aderido a ele não é apropriado para isto, pois ele não é apropriado para ser o substrato do que entende, nem é apropriado que a forma inteligível possua um lugar. É a adoção do corpo que confere à essência [delas] uma posição. Se a essência [delas] passasse a ter uma posição no corpo, seria falso que elas são inteligíveis.

[245.13-246.2] Dizemos que ou estas formas inteligíveis são coisas estruturadas em si mesmas, cada uma delas é uma espécie estruturada em si mesma [e] uma vez o intelecto as contempla, outra se distrai delas; quando as contempla, elas estão presentes nele e, quando se afasta delas, elas não estão. Assim, a alma é como um espelho e é como as coisas externas que, ora aparecem nela, ora não aparecem; isto devido à relação entre a alma e elas. Ou que o princípio agente emana, para a alma, forma depois de

forma devido à busca da alma e a emanção seria interrompida quando a alma se afastasse dele. || Contudo, se [acontecesse] deste modo, por que não é necessário aprender desde o começo todas as vezes?

[246.3-8] Dizemos, então, que a verdadeira é a [primeira das duas opções expostas], pois é absurdo dizermos que esta forma é um existente na alma em perfeito ato e que [a alma] não a entende em perfeito ato. Não digo que a alma a entende exceto [quando] a forma é um existente na alma; é absurdo que o corpo seja um depósito para ela e é absurdo que a sua essência seja um depósito para [a forma], pois não pertence a ela ser um depósito para [a forma], exceto se esta forma é um inteligível existente nela que, por isto, entende [a forma].

[246.8-13] A memória e a retentiva não são assim, pois a percepção da forma não pertence a elas [já que] apenas a armazenam. A sua percepção pertence à outra faculdade. A existência das formas na memória e na retentiva não está no que percebe do mesmo modo que a existência da forma sentida de algo não está no que sente. Por isto, os corpos, nos quais estão [armazenadas] as formas dos sensíveis, não são perceptivos. É necessário que a percepção pertença àquilo que possui, na sua natureza, [a potência para] receber estas formas por um tipo de impressão, sendo uma faculdade perceptiva.

[246.13-247.2] As formas se imprimem na memória, na formativa e no órgão [sensível], pois eles possuem um corpo [no qual] estas formas são preservadas próximas da faculdade que realiza a percepção, ou seja, a faculdade estimativa, contemplando-as quando deseja. Também as formas sensíveis são armazenadas próximas dos sentidos para que eles as contemplem quando desejarem. Esta explicação estende-se à memória e à formativa, mas não se estende à alma. Assim, a existência da forma inteligível na alma || é [pela] percepção [que] é própria da alma. Deixaremos claro depois, na sabedoria primeira<sup>4</sup>, que esta forma não existe separada. Mantém-se que a opção verdadeira é a [primeira] opção exposta.

[247.3-8] O aprendizado é a busca pela disposição perfeita para a conexão com [o princípio] até que venha [desta conexão] a intelecção que é simples; as formas emanam dele na alma [e] são diferenciadas pela mediação do pensamento. Assim, a disposição antes do aprendizado é imperfeita e a disposição depois do aprendizado é

---

<sup>4</sup> Isto é, na *Metafísica*.

perfeita; quando [o intelecto] aprendeu e ocorreu a ele, em sua natureza, conectar-se com os inteligíveis procurados e a alma se volta para a direção da reflexão- e a direção da reflexão é se voltar para o princípio doador para o intelecto- [o intelecto] está conectado com ele.

[247.8-10] Então, emana dele a faculdade do intelecto livre que é seguida pelo transbordamento do detalhamento. Quando se afasta, aquela forma volta a estar em potência, mas uma potência mais próxima do ato.

[247.11-15] O primeiro aprendizado é como o tratamento dos olhos, pois, se os olhos estão saudáveis, quando se deseja, contempla-se a coisa da qual ele apreende uma forma qualquer e, quando se afasta desta coisa, esta [forma] torna-se potência, [mas uma potência] próxima do ato. Enquanto a alma humana comum [está vinculada] ao corpo, ela está impossibilitada de receber o intelecto agente de uma só vez, pois a sua condição é aquela que expusemos.

[247.15-20] Quando se diz que alguém está ciente dos inteligíveis, isto significa que, a qualquer momento, a forma [de um inteligível] em si mesma chega à mente. O significado disto é que, quando ele quiser, ele pode se conectar com o intelecto agente [por] uma conexão a partir da qual estes inteligíveis são conceitualizados. Não é [o caso] que estes inteligíveis estejam sempre presentes na sua mente nem que sempre estejam conceitualizados em ato no intelecto, nem é como era antes do aprendizado e nem sempre este tipo de intelecto é adquirido em ato, pois ele é a potência que ocorre na alma pela qual ela entende o que quiser.

[248.1-5] Quando ela quiser, ela se conecta e emana sobre ela a forma inteligível. Em verdade, esta forma é o intelecto adquirido e esta faculdade é o intelecto em ato depois de entendermos. O intelecto adquirido é o intelecto em ato enquanto é uma perfeição. A concepção das coisas imaginadas é um retorno da alma para os depósitos das formas sensíveis.

[248.5-8] O primeiro é uma contemplação voltada para cima e esta é uma contemplação voltada para baixo. Assim, se [a alma] é livre do corpo e dos acidentes do corpo, nesse caso, é possível se conectar com o intelecto agente por meio de uma perfeita conexão. Aí ela experimenta a beleza intelectual e o deleite eterno; sobre [isto] falaremos em seu [devido] lugar.

[248.9-19] Saiba que o aprendizado, não importando se ele tenha resultado sem

estudo ou do próprio estudo, [possui] diferenças. Dentre aqueles que aprendem, [alguns] são mais hábeis para a conceitualização, pois a sua disposição, da qual falamos anteriormente, é mais poderosa. Assim, se ela pertence a qualquer um dos homens e [está] em sua alma, esta disposição poderosa se chama intuição. Esta disposição se intensifica em alguns homens ainda que não necessitem de muitas coisas para se conectar com o intelecto agente, nem de educação, nem de ensinamento. [Trata-se] da extrema disposição para isto, como se a disposição segunda acontecesse a eles; como se eles conhecessem todas as coisas por si mesmos. Este grau é o mais elevado dos graus deste [tipo] de disposição. É necessário que esta condição do intelecto material seja chamada intelecto sagrado, [o qual] é algo do gênero do intelecto em hábito, exceto que ele é muito sublime [e] não são todos os homens que o compartilham.

[248.19-249.18] Não se elimina que algumas destas ações relacionadas ao espírito sagrado [e] pertencentes ao seu poder e à sua natureza fluam sobre a [faculdade] imaginativa e ela também as imita pelos exemplares sensíveis e escutados a partir da alma; conforme o modo indicado. Verifica-se isto a partir do que é conhecido acerca das coisas inteligíveis as quais se obtêm acesso e são adquiridas pela ocorrência do termo médio do silogismo. Este termo médio é resultado de dois tipos de ocorrência: por meio da intuição, a qual é uma ação própria da mente [que] descobre por si mesma o termo médio e a inteligência é a faculdade da intuição; por meio do aprendizado, cujo princípio é a intuição. Sem dúvida, se as coisas conhecidas pela intuição foram descobertas pelos mestres destas intuições [e] depois as transmitiram aos seus aprendizes, então, é possível que aconteça ao homem a intuição por si mesmo e que articule o silogismo na sua mente sem um mestre. Isto é algo que difere em quantidade e qualidade. Com respeito à quantidade, alguns homens [realizam] intuições frequentes dos termos médios. Com respeito à qualidade, alguns homens [realizam] intuições mais rápidas. Porque estas disparidades não se circunscrevem em um limite, mas sempre recebem acréscimo e decréscimo, chega-se ao extremo do decréscimo em que alguém não intui de modo algum; é necessário também chegar ao extremo do acréscimo em que alguém intua todas as demandas ou a maior parte delas e alguém que intua mais rapidamente.

[249.19-250.4] É possível existir dentre os homens [um indivíduo] de alma consolidada por uma intensa pureza e uma intensa conexão com os princípios

inteligíveis que se ilumine com a intuição; digo [que pertença a ele] a habilidade para receber a partir do intelecto agente todas as coisas e se delineiem nele as formas que estão no intelecto agente instantaneamente ou próximo [disto]; || não por uma recepção [baseada] meramente na autoridade, mas por meio de uma ordenação que contenha os termos médios; no caso do que é conhecido pela causa, as crenças [baseadas] na autoridade não fornecem certeza intelectual. Este é um tipo de profecia, a mais elevada das faculdades e o mais apropriado é chamá-la de faculdade sagrada, o mais elevado grau das faculdades humanas.

## Seção V.7

Enumeração das doutrinas herdadas dos antigos acerca da alma, das suas ações, se ela é uma ou múltipla e verificação do discurso verdadeiro sobre ela

[250.9-14] [Dizemos] que as doutrinas acerca da essência da alma e das suas ações são muitas. Dentre elas há um discurso [segundo o qual] a alma é uma essência una e realiza o conjunto das [suas] ações por si mesma | dada a diversidade dos órgãos; alguns dentre eles alegaram que a alma é conhecedora por si, conhece todas as coisas e emprega os sentidos e os órgãos [tendo em vista] aproximar-se das percepções [realizadas] por eles, pois [a alma] presta atenção por meio deles ao que está nela. Segundo um [outro] discurso, isto acontece a ela por reminiscência como se acontecesse a ela de esquecer.

[250.15-21] Dentre o primeiro grupo, há um discurso [segundo o qual] a alma não é una, mas numericamente [muitas] e que a alma que está em um único corpo é um agregado de almas: alma sensível, perceptiva, alma irascível e alma concupiscível. Dentre estes, alguns mantiveram que a alma concupiscível é a alma nutritiva e mantiveram que o seu lugar é o coração. Mantiveram, ainda, que pertence a ela, ao mesmo tempo, a concupiscência da nutrição e da reprodução. Dentre eles, houve quem mantivesse que a reprodução pertence a uma das faculdades desta parte concupiscível que está dentre as partes da alma e [que é] emanada para os testículos no macho e para a fêmea.

[251.1-9] Houve quem mantivesse que a alma, em sua essência, é una, que emanam dela estas faculdades, que cada uma das faculdades se distingue por uma ação e que ela age conforme ela age, tendo em vista o que foi mencionado, por meio destas faculdades. Disseram que a alma é una, ativa por si, alegando, sobre isto, o que foi alegado [pelos] indivíduos mencionados anteriormente. Assim, disseram que, se [a alma] é una [e] | incorpórea, é impossível que se divida [entre os] órgãos e se multiplique. Neste caso, ela seria uma forma material. Foi constatado, entre eles, que ela é uma substância separada, por razões que não cabem serem enumeradas aqui; disseram que é devido à sua essência que ela age do modo como ela age, [ou seja], através dos diferentes órgãos.

[251.9-19] Dentre eles, [houve] aqueles que disseram que a alma é conhecedora por si. Argumentaram e disseram que se [a alma] fosse ignorante, privada dos conhecimentos, ou isto lhe pertenceria devido à sua substância, | ou seria um acidente que lhe pertence. Se lhe pertence devido à sua substância, não é possível que ela conheça de modo algum; se é um acidente que lhe pertence, o acidente se apresenta como algo existente que pertence à coisa; então, seria um existente próprio da alma conhecer as coisas, mas é um acidente que lhe pertence ser ignorante da causa. A causa causaria aquilo que é próprio da ignorância e não [causaria] o que é próprio do conhecimento. Se eliminarmos as causas acidentais, permaneceriam para ela as coisas que estão na sua essência. Então, | se a coisa que pertence a ela na sua essência é conhecer, como é possível que, por uma dentre as causas, aconteça a ela de começar a não conhecer [já que ela é] simples, pneumática e não passiva? Contudo, é possível que ela possua o conhecimento e, em ocasião de conhecer, está ocupada quando presta atenção e conhece. O significado do seu [ato] de prestar atenção é voltar-se para a sua essência e para o seu estado natural e encontrar a si mesma [como] conhecedora de todas as coisas.

[251.20-252.2] Dentre os defensores da reminiscência, [alguns] argumentam dizendo que, se a alma tivesse conhecido, em um momento, aquilo que ela agora ignora e procura, quando ela o obtivesse, não saberia que || aquilo [era a coisa] procurada do mesmo modo [que acontece] com aquele que procura o servo fugido; mas já [chegamos] a uma conclusão acerca disto e de sua refutação em outro lugar.

[252.2-14] Aqueles que multiplicaram a alma já argumentavam e diziam: como [podemos] dizer que cada alma é uma única alma [se] nós nos deparamos com os vegetais aos quais pertence a alma concupiscível, que foi mencionada nesta seção, | e não lhes pertence a alma perceptiva, sensitiva e [a alma] que discerne. Então, é indubitável que esta alma é uma coisa separada, em sua essência, à exclusão daquela alma. Deparamo-nos com o animal ao qual pertence esta alma sensível, irascível, mas, de modo algum, a alma racional. Esta alma animal é uma alma à parte das outras. Quando estas coisas se reuniram nos homens, soubemos que já se reuniram neles almas diferentes, distintas em | si, tendo sido separadas umas das outras. Por isto, cada uma delas se distingue por um lugar [próprio]: o cérebro para a [alma] que discerne, o coração para a [alma] irascível animal e o fígado para a [alma] concupiscível. Estas são

as doutrinas notórias acerca da alma e nenhuma delas é válida, exceto a última doutrina [dentre as doutrinas expostas] na primeira enumeração. Então, devemos examinar sua validade e [depois] nos dedicarmos à solução das dúvidas que se apresentam.

[252.14-253.1] Esclarecemos, sobre o que mencionamos, que ações | diferentes pertencem a faculdades diferentes e que, de certo modo, cada faculdade é o que é no momento em que procede dela a ação única que lhe é própria. A faculdade irascível não é afetada pelos prazeres, nem a [faculdade] concupiscível [é afetada] pelo prejudicial, nem a faculdade perceptiva é afetada por aquilo que afeta as [outras] duas. Não há nada [em comum] || entre esta e as [outras] duas do ponto de vista de conceitualizar a forma percebida.

[253.2-15] Tendo estabelecido este assunto, dizemos que é necessário que estas faculdades possuam uma conexão [de modo a] juntar todas elas e as unir. A sua relação com estas faculdades é a [mesma] relação do sentido comum com os sentidos que absorvem [as formas]. Certamente, nós sabemos | que estas faculdades ocupam-se umas com as outras e isto você já sabe por [causa] do que foi dito. Se não existisse uma ligação que as articulasse, umas se distrairiam das outras, umas não articulariam as outras nem as organizariam quando algumas delas fossem privadas pelas outras da sua ação [própria]. Contudo, a ação de uma das faculdades, quando não lhe pertence um contato com outra faculdade, não obstrui a ação da | outra faculdade se os órgãos não são compartilhados [por elas], se o substrato não é compartilhado, nem a coisa que as unifique seja compartilhada, etc. Como seria, se vissemos que a sensação emerge da concupiscência, mas a faculdade concupiscível não fosse afetada pelos sensíveis enquanto sensíveis? Se fosse afetada [pelos sensíveis] enquanto eles não são sensíveis, não seriam paixões que são próprias da concupiscência daqueles sensíveis. Indubitavelmente, é necessário que | sejam [os sensíveis aquilo] que é sentido; não é possível que as duas faculdades sejam uma única [faculdade].

[253.15-254.6] Fica evidente, portanto, que as duas faculdades pertencem a uma mesma coisa. Por isto, é correto dizer que “quando sentimos, desejamos” e que “quando vemos [certa coisa] nos encolerizamos”. Esta coisa una na qual se juntam estas faculdades é a coisa que cada um de nós acredita ser sua essência, [sendo] correto dizer que “quando sentimos, || desejamos” e é impossível que esta coisa seja um corpo. Em primeiro lugar, porque não pertence ao corpo enquanto corpo que ele seja o que unifica

estas faculdades, caso contrário, isto pertenceria a todos os corpos, mas é assim devido a uma coisa que o acompanha; esta coisa é a principal agrupadora; ela é a perfeição do corpo enquanto é o que reúne e ela é diferente do corpo. Portanto, a junção é uma coisa diferente do corpo: a alma.

[254.6-16] Em segundo lugar, foi esclarecido que há dentre essas faculdades aquelas que não podem ser corpóreas [nem] residirem no corpo. Se você duvida ao ser dito que estas faculdades pertencem a uma coisa una, apesar de não estarem reunidas nela, na medida em que umas não estão localizadas nos corpos e outras estão localizadas [nos corpos] e, com a separação delas, elas não possuem um atributo uno relacionado a uma coisa, então, por que não poderia ser assim quando todos se relacionam a um corpo ou a [algo] corpóreo? Isto porque é possível que o que não está no corpo seja a fonte das faculdades, do qual algumas [das faculdades] emanam para os órgãos e outras se particularizam em si mesmas e todas elas conduzem até [o corpo] de certa maneira. Aquelas que estão nos órgãos estão unidas por um princípio, princípio este que as reuni nos órgãos. É ele o que emana para os órgãos, como será esclarecido adiante [durante] a solução das dúvidas.

[254.16-19] Não é possível que todas estas faculdades emanem do corpo, pois a relação entre as faculdades e o corpo não [acontece] pela emanação, mas pela recepção. É possível que a emanação aconteça por separação entre a emanação e [aquilo] que emana, contudo não é possível que a recepção aconteça do mesmo modo.

[255.1-6] Em terceiro lugar, se este corpo fosse a totalidade do corpo, se se subtraísse dele uma coisa, ele não seria aquilo pelo qual percebemos que nós somos existentes. Porém [isto] não é assim. Eu sou eu e não sei se possuo mãos, pés ou um dos membros, como foi dito previamente. Antes, considero que eles são acompanhantes, acredito que eles sejam órgãos que possuo e que os emprego na necessidade; caso não haja estas necessidades, por que eu precisaria possuí-los? Contudo, eu sou eu e não sou [meus membros].

[255.6-16] Devemos considerar o que foi dito anteriormente sobre nós. Dizemos que um homem foi originado de uma só vez e foi originado [com] diferentes extremidades; não as vê e concorda em não as tocar e elas não se tocam; não escuta [nenhum] som; ignora a existência do conjuntos dos seus membros; ele conheceria a existência da sua quiddidade individual [como] uma coisa una ainda que ignorasse o

conjunto [dos seus membros]. O que é ignorado não é o mesmo que o conhecido. Em verdade, estes membros que nos pertencem não são senão vestimentas que, por constantemente estarem aderidos a nós, são como nossas partes. Quando imaginamos nossas almas, não as imaginamos desnudas, mas as imaginamos possuindo corpos, vestidas. A causa disto é a adesão constante, exceto que, quanto às vestimentas, já estamos aptos a desvesti-las e tira-las, o que não [acontece] com os membros. Nossa convicção de que os membros são nossas partes é mais firme do que nossa convicção de que as vestimentas o são.

[255.16-256.11] Sobre não ser [a essência individual] o conjunto [dos membros] do corpo, mas um membro particular, ou este membro é a coisa acerca da qual acredito que pertence à sua essência que ele sou eu, ou é uma intenção qualquer || que eu acredito que ela sou eu e ela não é aquele membro, embora inevitavelmente esteja entre os membros. Se [a essência individual] fosse a essência deste membro e o seu ser fosse o coração, o cérebro, ou outra coisa, ou um número de membros com este atributo cuja essência combinada é a coisa pela qual eu saberia que ela sou eu, seria necessário que o meu conhecimento de mim [mesmo] fosse o meu conhecimento daquela | coisa. É impossível que, sob um mesmo aspecto, a coisa seja conhecida e não conhecida. Contudo, não [acontece] assim. Eu sei que possuo um coração e um cérebro por sentir, escutar e experimentar, mas não porque eu sei que sou eu. Em consequência, aquele membro não é, em si, a coisa que eu sei que ela sou eu essencialmente, mas acidentalmente. O que se pretende [dizer] com eu sei que eu sou eu é | o que digo com o meu enunciado “eu senti, entendi, fiz e uni estas características”; uma outra coisa é o que denomino de eu.

[256.11-17] Se aquele que discursa dissesse que você também não sabe que [aquilo] é uma alma, então eu diria que eu sempre conheço o significado do que é denominado alma, mesmo se eu não sei [que] se denomina alma. Se entendi o que é significado por alma, entendi que ela é aquela coisa e que ela é o que usa os órgãos do movimento e | [os órgãos] perceptivos; embora eu não saiba enquanto não entendo o significado de alma. Isto não se aplica ao coração nem ao cérebro, pois entendo o significado do coração e do cérebro sem conhecê-los.

[256.17-257.9] Quando digo alma, trata-se da coisa que é princípio para estes movimentos e percepções, os quais me pertencem e são o mais elevado grau neste

conjunto. Em verdade, sei que sou eu ou que ele sou eu [enquanto] o que usa este corpo; como se eu, agora, não tivesse a capacidade para distinguir entre o conhecimento do eu isolado e o conhecimento da associação com aquilo que || usa o corpo e está unido ao corpo. Sobre ele ser corpo ou não ser corpo, não [julgo] que seja necessário ser um corpo e de modo algum o imagino sendo um dentre os corpos. Contudo, apenas imagino a sua existência incorpórea. A partir disto, tendo entendido que ela não está em um corpo, ainda que eu não entenda a [coisa corpórea que a acompanha], eu a entendo. Assim, quando eu [a] verifico, quanto mais eu suponho [que] pertença à coisa um corpo, a qual é princípio para estas ações [mais] inconcebível é que aquela coisa seja um corpo. Dificilmente, a sua primeira representação na minha alma seria uma coisa diferente destes [membros] exteriores, pois me conduz ao erro a associação com os membros, a visão deles e a consideração das ações [decorrentes] deles. Então considero que eles são como partes de mim.

[257.9-15] Se se comete um erro acerca de uma coisa, não é necessário que já se [tenha realizado] um julgamento, mas o julgamento é próprio daquilo é acompanhado pelo [ato] de entender. Quando estou à procura da sua existência e do seu ser incorpóreo, não sou completamente ignorante [acerca disto], mas [apenas] sou negligente. Muitas vezes, o conhecimento sobre a coisa está próximo, mas é negligenciado e se transforma na definição ignorada, sendo buscada no lugar mais distante. Às vezes, o conhecimento próximo está presente, no curso de ser notado, mas apesar da sua fácil incumbência, é como o que está distante e a inteligência não se volta para a sua direção devido à impotência do entendimento. Então, é necessário tomar, sobre ele, uma posição incompatível.

[257.15-258.6] A partir disto, esclarece-se que pertence a estas faculdades um lugar [próprio] para o qual todas elas são conduzidas; e ele não é um corpo [mesmo] estando ou não associado [ao corpo]. Como já foi esclarecida a veracidade desta opinião, é necessário resolvermos as dúvidas mencionadas. || Sobre a primeira dúvida, dizemos que não é necessário, se a alma for essencialmente una, que não emanem diferentes faculdades para diferentes membros. Ao contrário, é concebível que aquilo que primeiramente emana é a faculdade da geração que está na semente e no esperma e origina membros conforme as ações desta faculdade e prepara cada membro para receber | uma faculdade particular pela emanação a partir dela. Se não fosse deste

[modo], a originação de um corpo para ela seria em vão.

[258.6-259.1] Dentre as dúvidas, acreditou-se ser a alma conhecedora em sua essência, mas [isto] é falso. Não é necessário, se a substância da alma fosse, em sua essência, vazia de conhecimento, que pertencesse a ela a existência do conhecimento, pois se distingue entre dizer que a substância da coisa, com respeito à sua essência, não necessita do conhecimento e dizer que a sua substância, do [mesmo] ponto de vista, necessita não conhecer; a necessidade da ignorância em cada um dos enunciados é diferente. Se admitirmos que a alma, em sua substância, é ignorante, dizemos que a ignorância da sua substância, quando se isola e não se vincula a ela uma causa de fora para a necessidade da ignorância, deve-se à condição de isolamento combinado à condição da substância e não pela condição da substância sozinha. Nós dizemos com isto que a sua substância é uma substância que não está livre da ignorância. Se não admitimos [isto], mas dizemos que isto é um acidente pertencente a ela, não seria necessário, por exemplo, que este acidente acontecesse à coisa natural. Como quando dizemos que o pedaço de madeira é desprovido da forma cama e que esta ausência não se deve à sua substância, mas à coisa accidental que lhe pertence concebida [como] de passagem; este enunciado é como quando você diz que já existiu nele a forma da cama || [que] depois [foi] nulificada.

[259.1-9] Equivocam-se aqueles que afirmaram o retorno da coisa para a sua essência. A coisa não se ausenta, de modo algum, da sua essência, mas anula-se quando se ausenta das ações que são próprias da sua essência e que se completam apenas pela sua essência. Contudo, cabe dizer isto porque estas ações não são existentes que lhe são próprios nem são, originalmente, existentes. Sobre a sua essência, como ela seria um não existente para si mesma? Na verdade, não é possível dizer que as suas ações estão [na sua essência] e que ela se ausenta delas, pois o que está ausente é um existente em si mesmo e [ao mesmo tempo] um não existente que pertence à coisa; estas ações não são existentes originalmente, exceto no momento da sua existência [quando] não se ausenta delas. Sobre a essência da coisa, a coisa não se ausenta [da sua essência] nem retorna a ela.

[259.9-17] Quanto aos defensores da reminiscência, já contestamos sua argumentação na [*Metafísica*]. Sobre o argumento daqueles que dividem a alma, já foram detectadas [em seu argumento] premissas falsas. Segundo o enunciado deles, a

alma vegetal está separada da [alma] sensível e é necessário que exista, no homem, outra coisa diferente desta; contudo, esta premissa é sofisticada, pois o que está separado é conhecido de muitos modos, mas utilizaremos aqui [apenas] dois modos. O primeiro deles [diz respeito] a conhecer o que é separado como [se conhece] cor a partir do branco e animal a partir do homem, de modo que, aquela natureza não se encontra apenas no branco e esta [natureza não se encontra] apenas no homem já que o [gênero também pode estar vinculado] a qualquer outra divisão.

[259.17-20] [O segundo deles diz respeito a] conhecer o que é separado como o doce é separado do branco no corpo, pois é próprio dele que seja encontrado separado. [As faculdades que sentem] o doce e o branco são duas faculdades diferentes e não estão unidas na [mesma] coisa.

[259.20-260.16] Dentre [os tipos de coisas] que existem separadas, o mais apropriado para a alma vegetativa [comparado] à alma sensitiva é o primeiro tipo, pois a alma vegetativa existente na palmeira não se associa, de maneira alguma || à espécie da faculdade do crescimento existente no homem. De modo algum, aquela faculdade enquanto tal é apropriada para se vincular à alma animal, nem a faculdade do desenvolvimento que pertence ao animal é apropriada para se vincular à alma da palmeira. Contudo, as duas [faculdades] se reúnem em uma única intenção de modo que cada uma das duas nutre, faz crescer e gera. No mais, distinguem-se apenas por uma diferença específica, mas não por um acidente. A intenção comum existente nas duas [faculdades] é o gênero da faculdade vegetativa que pertence ao homem e é separada da intenção do gênero. Não negamos que o gênero destas faculdades pertença a outras coisas, mas disto não decorre que estas faculdades não estejam reunidas em uma única alma no homem. Ao contrário, disto não decorre que a natureza do desenvolvimento existente no animal não seja atribuída à alma animal que lhe pertence de modo que a sua alma animal fosse aquela faculdade do mesmo modo que o homem não é uma coisa diferente da sua porção no gênero animal. Isto já foi esclarecido para você na *Lógica*. Assim, é necessário que a alma do desenvolvimento que existe no homem não seja diferente da alma animal de modo a ignorar que as duas faculdades da alma são a mesma [faculdade]. A [faculdade] vegetativa que está no homem não está, de modo algum, separada da sua espécie que é própria do homem.

[260.16-261.6] A argumentação deles é inútil se a faculdade não se separa por

sua espécie, mas por seu gênero; e as duas são diferentes. Com isto, devemos estabelecer que a faculdade vegetativa nos animais é diferente da faculdade animal [nos animais], como se cada uma das duas [faculdades] fosse uma espécie independente em sua essência e uma não fosse a outra nem se predicasse da [outra]. || O que, nisto, impede que as duas faculdades se unam na alma do animal, como se a umidade não se encontrasse no ar nem associada ao calor e, por isto, fosse necessário que a umidade e o calor no ar não pertencessem a uma mesma forma ou a uma mesma matéria [como] o calor que não procede do movimento, mas de outro calor; por isto, não é necessário que o calor [que procede] de outro lugar não seja consequência do movimento.

[261.7-20] Dizemos que nada impede que estas faculdades também sejam diferentes quanto à espécie e se relacionem com uma essência única que está nelas. Quanto a como conceitualizar isto, [diz-se] que os corpos elementares são impedidos pela pura contrariedade de receber vida. Então, toda vez que eles destroem um dos extremos da contrariedade, chegam ao meio que não possui contrariedade, inclinando-se a uma similaridade com os corpos celestes e, por isto, [os corpos elementares] são dignos de receber uma faculdade vivificante da substância separada que governa. Então, quanto mais se aproximam do meio, mais se aproximam da recepção da vida, até alcançar o limite a partir do qual não é possível estar mais próximo do meio nem, a partir dele, eliminar os dois extremos contrários. [Os corpos celestes] recebem uma substância próxima que é similar, de certo modo, tanto ao que pertence à substância separada quanto ao que pertence às substâncias celestes. Então, quando algo se origina em outro a partir do que é separado, origina-se nele, a partir da alma, esta substância recebida que se vincula à substância [do corpo]. Um exemplo disto se encontra nas [coisas] naturais. Considere [sobre] isto que, no lugar da substância separada estivesse o fogo ou o sol e no lugar do corpo, um [outro tipo de] corpo afetado pelo fogo, como uma esfera qualquer; no lugar da alma vegetativa estivesse o seu aquecimento pelo [fogo]; no lugar da [alma] animal, a sua iluminação nela; no lugar da alma humana, a sua combustão [pelo] fogo.

[261.20-262.16] Então, dizemos que [no caso] deste corpo afetado, || tal como a esfera, pode não estar na sua condição ser afetado por isto, mas é sua condição receber a iluminação do fogo, mas não sua luz ou seu calor, pois está na sua condição receber o seu aquecimento e nada mais. Se a sua condição fosse receber o seu calor que é

transparente, desvelado, relacionar-se-ia com ele [por ser] iluminado por ele intensamente e com isto seria aquecido e iluminado concomitantemente. A iluminação que se encontra nele, a partir [do fogo], é também um princípio em conjunto com aquele separado ao qual pertence o aquecer. Como o sol aquece pelos raios, a disposição é mais intensa e está na natureza daquilo arder a partir do que afeta, o qual [possui], na sua natureza, queimar pela sua intensidade ou pelo seu raio aquecedor, de algum modo o aquecimento do [outro tipo de] corpo se origina por meio do que é separado e aquele aquecimento concomitante ao que está separado também é causa do iluminar e do aquecer e, se permanecesse sozinho, não se completaria a iluminação e o aquecimento. Com isto, apenas é possível que o aquecimento se encontre sozinho ou que o aquecimento e a iluminação, [cada um, encontrem-se] sozinhos sem que o posterior dentre os dois fosse um princípio do qual emanasse o anterior. Quando o conjunto fosse reunido, tudo o que, de certo modo, fosse suposto [como posterior] seria também princípio para o anterior que seria emanado do posterior. Deste modo, devem-se conceitualizar as faculdades da alma. Posteriormente, será abordado aquilo que elucida a forma da coisa [no momento em que] falarmos sobre a geração do animal.

## Seção V.8

Sobre os órgãos que pertencem à alma

[262.20-263.7] Agora, cabe falarmos sobre os órgãos que pertencem à alma. Dizemos que [alguns] homens insistiram [em tratar] dos membros, aos quais as principais faculdades da alma estão vinculadas. Confiaram na excessiva arbitrariedade e no intenso fanatismo [para os quais] cada um dos grupos se inclinou até que se afastaram da verdade. A maior parte deles cometeu o mesmo erro dos que consideraram [ser] a alma uma essência una e, concomitantemente a isto, julgavam que os membros principais eram múltiplos. Ainda que se opusessem aos filósofos enunciadores da multiplicidade das partes da alma e concordassem com a unidade dela, não perceberam que decorria [desta posição] assumir ser [apenas] um o membro principal, com o qual [se daria] o primeiro vínculo da alma.

[263.7-8] Sobre os que multiplicaram as partes da alma, eles vincularam cada parte dela a uma fonte de origem particular e a um lugar separado.

[263.9-14] Inicialmente, dizemos que o primeiro instrumento das faculdades anímicas corpóreas é um corpo sutil pneumático que penetra os orifícios; este corpo é o pneuma. Se as faculdades da alma conectadas ao corpo não penetrassem o corpo, isto [aconteceria] porque seriam obstruídos os cursos e a penetração das faculdades motora, sensível e imaginativa; obstrução conhecida dentre os que realizam experiências médicas. A relação deste corpo com a subtilidade e o [caráter] volátil dos humores é [como] a relação dos membros com a solidez dos humores.

[263.15-21] Pertence [ao pneuma] uma mistura própria e a sua mistura também se diversifica de acordo com a necessidade da diferença que lhe ocorre [de modo] a se tornar portador de diferentes faculdades. A mistura pela qual se encoleriza não é apropriada à mistura pela qual deseja ou sente, nem a mistura que é apropriada ao pneuma da visão é precisamente a mesma que [a mistura] apropriada ao pneuma do movimento. Se a mistura fosse [apenas] uma, as faculdades estariam instaladas em um único pneuma e as suas ações seriam a mesma. Sendo a alma una, é necessário que ela possua uma primeira ligação com o corpo, conduza-o e o aperfeiçoe; [tudo] isto por meio deste pneuma.

[264.1-5] Primeiramente, a alma age no momento em que o membro age, pelo qual ela emite as faculdades ao longo dos membros através deste pneuma. Aquele membro é o primeiro dos membros que é originado e é a primeira fonte de origem particular da geração do pneuma; e esta [primeira fonte de origem] é o coração. Prova disto é o que se verifica [com uma] única dissecação; aprofundar-nos-emos no sentido disto na disciplina sobre os animais.

[264.6-11] É necessário que o primeiro vínculo da alma seja com o coração e não é possível que ela se vincule ao coração e, logo em seguida, ao cérebro, pois, quando ela se vincula ao primeiro membro, o corpo se torna [um corpo] animado. No caso do segundo [membro, isto é, do cérebro], sem dúvida, a alma atua sobre ele, [mas] por intermédio deste primeiro [membro]. Então, a alma dá vida ao animal pelo coração. No entanto, é possível que as faculdades [que realizam] outras ações emanem do coração para os outros membros, pois é necessário que a emanação proceda do primeiro, ao qual estão vinculados.

[264.11-16] O cérebro é o [membro] no qual se completa a mistura do pneuma; o qual é apropriado para ser o portador das faculdades da sensação e do movimento até os membros, permitindo-as que, a partir [dos membros], realizem as suas ações. Igualmente, acontece [com] o fígado com respeito às faculdades nutritivas; o coração é o primeiro princípio, o qual primeiramente se vincula [ao fígado] e através [do fígado] chega aos outros [membros] e a ação [acontece] neles [do mesmo modo que acontece quando é] o princípio da sensação.

[264.16-265.1] Segundo os que se opõem a este discurso, [o primeiro princípio] está no cérebro. Contudo, as ações dos sentidos não se realizam por ele ou nele, mas nos outros membros como, por exemplo, pele, olho, e orelha. Não [decorre] disto que o cérebro não seja um princípio; é possível que o coração seja um princípio para as faculdades nutritivas mesmo se as suas ações [acontecem] no fígado como também para as faculdades da imaginação, rememorativa e [a faculdade] que conceitualiza mesmo se as suas ações [acontecem] no cérebro. Contudo, acontece de os princípios das diferentes faculdades não serem apropriados para que procedam deles, a partir das suas fontes de origem, o conjunto das suas ações, mas é necessário que [as faculdades] se ramifiquem nos diferentes órgãos [e] sejam moldadas depois daquele membro e emanam daquele membro para a faculdade apropriada à mistura daquela parte e à sua disposição de modo

a não sobrecarregar o membro que é o princípio; o que será abordado ao tratar do animal.

[265.1-11] [Decorre] disto que os nervos foram moldados para o cérebro e as veias para o fígado – [de um ponto de vista] o cérebro e o fígado são os princípios primários para a sensação, o movimento e a nutrição e [de outro ponto de vista] são os princípios secundários. Quando a faculdade da formação e [a faculdade] que molda emanam do coração para o cérebro e o cérebro se forma, não há nenhuma objeção [ao fato de] o cérebro despachar, por si mesmo, um órgão pelo qual se prolongasse a sensação e o movimento a partir do coração ou os órgãos se conectassem ao coração, por meio dos quais, a sensação e o movimento se conectariam a ele. Não é necessário se preocupar com a modulação dos nervos [pois] é a partir do coração ou do cérebro que o princípio deles ocorre; estamos certos de que é a partir do cérebro [mesmo que] prolongados a partir do coração do mesmo modo que o fígado envia para o estômago aquilo que se prolonga a partir dele [até] o estômago, ao qual também pertence veias pelas quais se prolongam outros [órgãos].

[265.11-19] Assim, não é necessário que no membro, que é princípio para a faculdade, também se realize a primeira das ações desta faculdade nem que seja [o único] órgão das ações desta faculdade. No entanto, é possível que os órgãos tenham sido modelados para o prolongamento de outra coisa, [a qual] se prolonga após a modelação [do órgão], de modo que o cérebro é o primeiro [órgão] a ser criado sem ser princípio em ato para a sensação e para o movimento, mas está inclinado a se tornar um princípio para os membros posteriores a ele se se prolonga a partir dos outros posteriores [de modo que] o órgão do prolongamento é criado a partir dos outros [órgãos] que lhe pertencem. Deste modo, criado o nervo que vai em direção ao coração, a sensação e o movimento são prolongados a partir dele e é possível que seja [criado] concomitante à criação desta passagem.

[265.19-266.6] Com respeito à penetração [do nervo] a partir do [cérebro] em direção ao coração, não é um argumento nem se assimila a um argumento. Contudo, é como se o cérebro fosse modelado [e] concomitante à sua modelação, a partir da sua matéria, uma coisa exterior ao coração penetrasse no coração, prolongando-se a partir dele a sensação e o movimento; de modo que a germinação destes nervos, a partir do cérebro, e seu desenvolvimento a partir do [coração] em direção ao cérebro não é uma

coisa que é observada [como] se presumiu os que defendiam a germinação dos nervos que [estão] entre o cérebro e o coração, a partir do cérebro, em direção ao coração e não a partir do coração em direção ao cérebro; conforme esclareceremos em seu [devido] lugar durante o nosso discurso sobre a natureza do animal e estendermos o discurso [a isto] de modo a curar e satisfazer. [Tendo esclarecido] isto, devemos nos voltar para outro tratamento.

[266.6-19] Dizemos que não é absurdo estar no membro o princípio da existência de uma faculdade e penetrar a partir daquele membro em outro membro; assim, a faculdade se completa e se aperfeiçoa. Em seguida, [a faculdade] se inclina para este primeiro membro e o suporta. O alimento, no entanto, chega ao fígado a partir do estômago; em seguida, tendo lá chegado, de certo modo, retorna e nutre o estômago [através] das veias que vêm do baço e das veias que vêm do estômago. Não há nenhum prejuízo se o princípio da faculdade vem, por exemplo, do coração, nem que a faculdade, no coração, [não] esteja aperfeiçoada e completada de modo que ela beneficie o coração quando se aperfeiçoar no outro membro. Este é o caso do sentido comum, do qual procede o princípio da faculdade da sensação dos particulares, a qual, em seguida, retorna para ele com o benefício de modo que a sensação do coração em si mesma e especialmente a do tato são maiores que a sensação do cérebro em si. Por isto, as dores [no coração] são intoleráveis. É possível que as faculdades se tornem mais potentes e intensas a partir dos princípios outros que os seus devido à coincidente [semelhança] das matérias. Assemelha-se [a isto o fato de] que a faculdade das extremidades dos tendões, devido à força, é mais intensa que a sua faculdade principal, a qual é próxima dos nervos.

[266.19-267.6] Assim, o coração é o primeiro princípio do qual as faculdades emanam para o cérebro. || Algumas [das faculdades] completam as suas ações no coração e nas suas partes como a imaginativa e a [faculdade] da concepção, dentre outras. Algumas [das faculdades] emanam do cérebro para os membros fora dele como, por exemplo, [o que] emana para a pupila e para os músculos motores. A faculdade nutritiva emana do coração para o fígado e, em seguida, emana do fígado para todo o corpo por intermédio das veias e também nutre o coração; o princípio da faculdade [emana] do coração e o princípio da matéria [emana] do fígado.

[267.7-14] No caso das faculdades cerebrais, a visão se completa pelo humor

cristalino que é como a água límpida; ele recebe as formas vistas e as conduz até o pneuma do ocular. A perfeição do [ato] de ver [acontece] junto ao encontro dos nervos ocos, segundo aquilo que se conheceu acerca da sua anatomia e [segundo aquilo que] se sabe da sua condição. Sobre o odor, [ele se completa] pelas duas protuberâncias na [parte] anterior do cérebro como [se fossem] os mamilos do seio. Sobre o paladar, [ele se completa] pelos nervos cerebrais próximos da língua e do céu da boca e [as faculdades] da sensação e do movimento os conduzem. Sobre a audição, [ela] também [se completa] por meio dos nervos cerebrais próximos do canal auditivo e cobre a superfície próxima a ele. Sobre o tato, [ele se completa] por meio dos nervos cerebrais e musculares [que] se difundem por todo o corpo.

[267.14-17] A maior parte dos nervos da sensação [são provenientes da parte] anterior do cérebro [que] é mais flexível e a flexibilidade é mais útil no [caso] da sensação. Como [a parte] anterior do cérebro conduz ao [que está] atrás e à medula, ela torna-se mais rígida ao se aproximar da medula, [sendo] necessário que a sua fragilidade se distingua da rigidez.

[267.17-268.1] A maior parte dos nervos motores que procedem do cérebro apenas tem origem na [parte] posterior do cérebro porque ela é mais rígida e a rigidez é mais útil no caso do movimento e o auxilia mais. [No caso dos] nervos que pertencem ao movimento, na maior parte das vezes, deles são gerados os músculos. Quando estão próximos dos músculos, originam-se deles e dos ligamentos os tendões. Na maior parte das vezes, a conexão dos seus extremos é com os ossos [ainda que] já tenha se conectado a outros lugares não por meio dos ossos, e já tenha se conectado ao próprio membro motor não por intermédio || de um tendão.

[268.1-3] A medula é como [se fosse] uma parte do cérebro [que] penetra nos orifícios das vértebras de modo que aquilo que se gera a partir dos nervos não está distante dos membros, mas os nervos gerados [dos membros] são os transmissores próximos do lugar pelo [qual] seu ser se faz necessário.

[268.3-9] A faculdade retentiva e o sentido comum provêm da [parte] anterior do coração em um pneuma que ocupa este ventrículo e estão lá para prolongar os sentidos que, na sua grande parte, são emitidos a partir da parte anterior do cérebro. Restam [a faculdade] do pensamento e a memória [que estão] nos dois outros ventrículos. A memória foi colada [na parte] anterior [do cérebro] e o lugar do pneuma cogitativo é no

meio entre o depósito das formas e o depósito das intenções e a sua distância dos dois [depósitos] é a mesma; a estimativa ocupa todo o cérebro, embora predomine no centro.

[268.10-19] É natural que quem duvida dissesse: como a forma de uma montanha ou a forma do mundo se delinea [neste] pequeno órgão, o qual suporta a faculdade formativa? Então, dizemos para ele que o entendimento da divisão dos corpos *ad infinitum* é suficiente para sanar esta dúvida. Assim como o mundo se delinea em um pequeno espelho e na pupila - já que aquilo se divide e se delinea nele devido às suas partes como o corpo pequeno se divide de acordo com a divisão do grande em número e figura, embora a divisão [de um] seja diferente da divisão [do outro] quanto à medida - do mesmo modo [acontece] o delineamento das formas imaginadas em sua matéria. Assim, há no que está impresso da forma imaginada uma relação de uma [coisa] com outra quanto à grandeza impressa nela e pequenez impressa nela. É uma relação entre duas coisas que vem de fora [com respeito] às suas grandeza e pequenez considerando a semelhança [entre] as distâncias.

[268.20-21] Quanto à faculdade irascível e ao que está ligado a ela, não é necessário um membro diferente do [seu] princípio, pois sua ação é única e [a faculdade] é adaptada à mistura [caracterizada pelo] intenso calor do qual necessita.

[269.1-10] Às vezes, o efeito que decorre da [sua ação] não é o efeito ininterrupto proveniente das [faculdades] cogitativa e do movimento, assustando quanto se inflama em demasia. Isto porque o [seu efeito] está entre o que acontece às vezes. Aqueles [casos] necessários como, por exemplo, o entendimento e o pensamento e o que se assemelha a eles, necessitam de estabilidade e de recepção. É necessário que o membro apto a isto seja mais úmido e mais frio e é o cérebro de modo que o calor natural não inflame intensamente e [que] resista à inflamação existente por [causa] do movimento. Porque a [faculdade] nutritiva está entre aquilo que é necessário existir por meio de um membro privado de sensação, de modo que esteja pleno de alimento e fique destituído de [alimento] sem que aquilo lhe cause dor nem sofra em demasia por aquilo que lhe penetra e sai e que seja muito úmido de modo a conservar o calor das faculdades pela assimilação e pela oposição; [como] este membro, colocou-se o fígado.

[269.10-15] A faculdade da geração foi colocada em outro membro com intensa sensação para estar incumbida [com] a incitação para o coito pela luxúria; seria injustificável se não existisse prazer nele e luxúria, pois o indivíduo precisa disto para a

continuação [da sua existência]. O prazer está ligado a um membro sensível e colocaram, para ele, os dois testículos [que] são auxiliados pelos outros órgãos; alguns deles atraem a matéria e outros a repelem como saberá ao tratarmos dos animais.